



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

*Centro de Ciências da Educação*

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM  
BIBLIOTECONOMIA**



LUCIANA MARA DOS SANTOS

**O DISCURSO DOS BIBLIOTECÁRIOS COM RELAÇÃO ÀS CONTRIBUIÇÕES DA  
SUA FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE SUAS ATIVIDADES EM  
EMPRESAS DE TECNOLOGIA**

Florianópolis, 2014.

LUCIANA MARA DOS SANTOS

**O DISCURSO DOS BIBLIOTECÁRIOS COM RELAÇÃO ÀS CONTRIBUIÇÕES DA  
SUA FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE SUAS ATIVIDADES EM  
EMPRESAS DE TECNOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Profa. Msc. Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva.

Florianópolis, 2014.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Luciana Mara.

O discurso dos bibliotecários com relação às contribuições da sua formação para o desenvolvimento de suas atividades em empresas de tecnologia / Luciana Mara dos Santos ; orientadora, Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira da Silva - Florianópolis, SC, 2014.  
89 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Graduação em Biblioteconomia.

Inclui referências

1. Biblioteconomia. 2. Formação em Biblioteconomia. 3. Profissional da Informação - Bibliotecário. 4. Atuação Profissional- Bibliotecário. 4. Discurso do Sujeito Coletivo DSC. I. Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira da Silva. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Biblioteconomia. III. Título.

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:


- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

Acadêmicos: Luciana Mara dos Santos

Título: O discurso dos bibliotecários com relação às contribuições da sua formação para o desenvolvimento de suas atividades em empresas de tecnologia

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Biblioteconomia, do Centro de Ciências  
da Educação da Universidade Federal de  
Santa Catarina, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
Biblioteconomia, aprovado com nota  
8,5.

Florianópolis, 27 de novembro de 2014.

  
Ana Cláudia Perpetuo de Oliveira da Silva - Mestre em Ciência da Informação - UFSC  
Professor Orientador

  
Daniela Camara Pizzato - Mestre em Ciência da Informação - UFSC  
Membro da Banca Examinadora

  
Amanda de Queiroz Beza - Mestre em Ciência da Informação - UFAM  
Membro da Banca Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Apesar das dificuldades que a vida impõe eu agradeço. Agradeço por ter tido a oportunidade de ingressar em uma Universidade pública, gratuita e de qualidade.

Agradeço também a Pró Reitoria de Assuntos Estudantis, por ter me concedido apoio acadêmico durante o tempo de permanência no curso de Biblioteconomia.

Aos profissionais da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação por terem me ajudado durante a minha experiência como bolsista permanência.

E as pessoas maravilhosas que conheci durante a graduação.

## RESUMO

Este estudo objetiva investigar as percepções de profissionais formados em Biblioteconomia sobre a contribuição desta formação para o desempenho de suas atividades em empresas de tecnologia. Os seus objetivos específicos foram: resgatar informações sobre o despertar do trabalho com tecnologia por parte destes profissionais; investigar as contribuições percebidas pelos profissionais acerca da sua formação e escolha de atuação; resgatar informações sobre as atividades desenvolvidas em seus ambientes de trabalho; levantar dados sobre a vivência dos entrevistados com as novas TIC. A pesquisa realizada foi do tipo qualitativa e analisa os discursos dos bacharéis em biblioteconomia fundamentando-se na teoria das representações sociais e na sociologia do conhecimento, através da construção social da realidade de Thomas Berger e Peter Luckmann, e na sociologia processual de Norbert Elias. Em consonância com seus fundamentos, utiliza como instrumento norteador de coleta, tratamento e análise dos dados, a técnica do discurso do sujeito coletivo – DSC. Concluiu-se que as percepções indicam que os profissionais atuantes na área avaliam de forma positiva o ensino de Biblioteconomia voltado para a área de tecnologia em alguns aspectos. A pesquisa revelou também de que forma se deu o exercício da profissão, e as diversas atividades empreendidas por estes profissionais com as TIC. Revelou também que as vivências com as TIC foi uma constante tanto na vida pessoal quanto profissional.

**Palavras-chave:** Formação em Biblioteconomia. Profissional da informação - Bibliotecário. Atuação profissional - Bibliotecário. Discurso do Sujeito Coletivo – DSC.

## ABSTRACT

This study has the objective of investigate the perceptions of the professionals graduates in Librarianship about the contribution this training to the performance of his activities in the companies of technology. The main objective was: rescue information about the awakening of work with technology by these professionals. Investigate the contributions perceived by professionals around of his formation and his choice of acting. Rescue information about the activities developed in his environment of work. Lift up data about the experiences of the respondents with the new TIC. The kind of survey was qualitative and analyzes the discourse of graduate in librarianship basing in the theory of social representations and of sociology of knowledge, through of social build of reality of Thomas Berger and Peter Luckmann, and Norbert Elias's processual sociology. In consonance with his fundamentals, use as guiding instrument of collection, processing and analysis of data, the technical of discourse of collective subject. Concludes that the perceptions indicate that the active professional on the area evaluates of positive form the teaching of librarianship, turned to the area of technology in some aspects. The survey revealed also how it happened the exercise of the profession, the various activities developed by these professionals with the TIC. The survey revealed also, that the experiences with the TIC was a constant, both in the personal live, how in the professional.

**Key words:** Training in Librarianship. Professional of Information – Librarian. Professional performance - Librarian. Discourse of collective subject - DCS

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>2 CONCEITOS RELEVANTES .....</b>	<b>6</b>
2.1 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO .....	6
2.2 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC).....	9
2.3 A FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA .....	12
2.4 A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO EM EMPRESAS DE TECNOLOGIA .....	16
<b>3 O CONSTRUCIONISMO SOCIAL E A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE OS INDIVÍDUOS.....</b>	<b>20</b>
<b>4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EMPREGADOS.....</b>	<b>28</b>
5.1 CLASSIFICAÇÃO E TIPOLOGIA DA PESQUISA.....	28
5.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	29
5.3 RESPONSABILIDADE ÉTICA.....	29
<b>6 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) .....</b>	<b>31</b>
<b>7 COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>34</b>
7.1 SELEÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	34
7.2 AS ENTREVISTAS .....	35
<b>8 O DSC FINAL : INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO.....</b>	<b>36</b>
8.1 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DO DSC OBTIDO .....	38
8.1.2 FALA LIVRE SOBRE O INTERESSE EM TRABALHAR NA ÁREA DE TECNOLOGIA ENQUANTO BIBLIOTECÁRIO .....	38
8.1.3 PERCEPÇÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES ACERCA DA SUA FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA PARA O SEU AMBIENTE DE ATUAÇÃO .....	41
8.1.4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO AMBIENTE DE TRABALHO .....	43
8.1.5 FALA LIVRE SOBRE AS VIVÊNCIAS AO LONGO DA VIDA COM AS TIC.....	44
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE II – CONVITE PADRÃO ENVIADO AOS ENTREVISTADOS .....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE V – ENTREVISTAS .....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE VI – INSTRUMENTO DE TABULAÇÃO E ANÁLISE.....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>89</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver um tema para o projeto de pesquisa que envolvesse a temática em torno da atuação do bibliotecário, por vezes denominado “profissional da informação”, teve início durante as minhas atividades realizadas como bolsista na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação (BSCED). Neste espaço de atuação, surgiram as primeiras indagações acerca dos desafios e do trabalho que cercam a carreira do profissional atuante na área e o anseio era de acrescentar “algo novo” ao que já vinha sendo discutido, através da possibilidade de pesquisa.

Decidiu-se então iniciar um estudo com base nas percepções dos bibliotecários que atuam em empresas de tecnologia sobre possíveis contribuições da sua área de formação para a atuação nestes espaços de trabalho. Este tema pareceu interessante, resgatar esta percepção sobre a contribuição da formação a partir do pensamento destes profissionais.

É perceptível que a profissão vem ganhando novas áreas de atuação, novos “nichos” de mercado tendo em vista as transformações pelas quais vêm passando a área em virtude do advento da Internet e das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, as TIC que atribuíram novos “saber fazer” a estes profissionais.

Baptista e Brandt (2006) ao apresentarem as três fases que marcaram a imagem deste profissional classificam-na em a fase erudita, a fase da ordem e a fase tecnológica. Na fase erudita o bibliotecário primava pela ordem e pelo civismo e era o “guardião da informação”. Ao longo dos tempos esta imagem cedeu lugar a um profissional tecnicista de cultura geral. Este perfil por sua vez cedeu lugar aos bibliotecários especialistas, os “servos do saber”. Por último tem-se a fase tecnológica marcada pela automação das bibliotecas. (BAPTISTA; BRANDT, 2006).

A respeito da fase tecnológica Baptista e Brandt (2006) afirmam ser a fase da era da informação onde “passa-se para a preocupação com o desenvolvimento de tecnologia para dar suporte à ordem/organização e recuperação e disseminação de informação: metadados, ontologias, catálogos online, digitalização de acervo e outras áreas de estudo dessa era”. (BAPTISTA; BRANDT, 2006, p. 32).

Baptista e Brandt (2006) afirmam também que as tecnologias transformaram o mundo do trabalho do bibliotecário e ocasionaram uma nova mudança de perfil deste. Portanto, este profissional necessita adquirir habilidades tendo em vista as mudanças ocorridas a partir das transformações acarretadas pelo mundo globalizado. A função deste profissional passa a ser mais do que apenas guardar livros, zelar por eles, mais do que apenas tratar a informação. A

profissão passou a ter mais incumbências ainda com a entrada da denominada era da “explosão da informação” definido por Orelo e Vitorino (2012, p.44) como um crescimento exponencial da produção e do uso da informação a partir do advento das tecnologias de informação e comunicação iniciado em meados do século vinte. As incumbências conforme Silva (2005, p. 22) dizem respeito a “não só conhecer os diversos instrumentos da tecnologia da informação, como distinguir as informações confiáveis que devem ser passadas aos usuários”. Wurman (1991) ao tratar desta questão entende a necessidade de ter pessoas capacitadas na busca e no processamento da informação.

Portanto, percebe-se a relevância do trabalho com estas novas tecnologias para um profissional como o bibliotecário e, muitas vezes, o interesse do mesmo em atuar em espaços onde estas novas tecnologias estejam em evidência. A partir desta pesquisa pretende-se “ouvir” os discursos destes profissionais que concluíram sua formação em Biblioteconomia e que trabalham em segmentos tecnológicos a fim de saber o que estes têm a dizer a respeito do seu “fazer profissional”, do seu cotidiano de trabalho, de que forma a sua formação na área contribui para a atuação nestes espaços.

O problema que direciona esta pesquisa é: quais as percepções dos bibliotecários que atuam em empresas de tecnologia sobre possíveis contribuições da formação em Biblioteconomia para a atuação nestes espaços?

O objetivo geral da pesquisa é investigar as percepções de profissionais formados em Biblioteconomia sobre a contribuição desta formação para o desempenho de suas atividades em empresas de tecnologia. E os objetivos específicos: resgatar informações sobre a motivação do trabalho com tecnologia por parte destes profissionais; investigar as contribuições percebidas pelos profissionais acerca da sua formação e escolha de atuação; resgatar informações sobre as atividades desenvolvidas em seus ambientes de trabalho; levantar dados sobre a vivência dos entrevistados com as novas TIC.

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, foram levantados dados na literatura para desenvolvimento da fundamentação conceitual, teórica e metodológica. Como fundamentação conceitual, traz assuntos como a sociedade da informação, as novas TIC, a formação em Biblioteconomia, e a atuação dos profissionais em empresas de tecnologia. Como referencial teórico apoia-se nos estudos de sociologia do conhecimento de Norbert Elias, Peter Berger e Thomas Luckmann e como referencial metodológico a teoria das representações sociais (TRS) – esta última, que dá base para a utilização da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que faz parte do instrumental metodológico.

Na segunda etapa, concentrou-se o trabalho de campo, com coleta de discursos mediante entrevista a distância. De posse dos dados coletados, foi realizada a análise destes dados através do DSC.

## 2 CONCEITOS RELEVANTES

Para este estudo foram elencados alguns conceitos percebidos como relevantes. Aborda-se a temática da sociedade da informação, das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), sobre a formação profissional em Biblioteconomia, a inclusão da área da tecnologia no currículo do curso de Biblioteconomia e sobre a atuação do bibliotecário em empresas de tecnologia.

### 2.1 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Ao referir-se à sociedade da informação, Amaral (2007) classifica-a como a quarta revolução da informação. Complementando a afirmação de Amaral, Castro (2000) comenta que esta “revolução” é tida como a “revolução”

Na medida em que a informação perdeu sua localização espaço-temporal e profissional, deixou o círculo dos intelectuais - acadêmicos (bibliotecários, documentalistas, arquivistas, informatas etc.), e passou a ser objeto do desejo do cidadão comum; homens e mulheres que no seu “fazer banal” necessitam identificar e resolver problemas básicos de sobrevivência. (CASTRO, 2000, p. 2).

O que torna, portanto a informação uma das transformações que maior impacto teve no século vinte. A sociedade ao agregar o predicativo “da informação” tem a informação como uma matéria-prima de primeira necessidade, não importando a forma e seu suporte de registro, se analógico ou digital. (MORAES; PINTO, 2001).

Pode-se dizer que a sociedade também é a sociedade do conhecimento, pois para Gouveia (2004, p. 3)

A informação, enquanto material de apoio à decisão e à ação, está sujeita a um enquadramento - contexto - que lhe dê valor e utilidade. O conhecimento por ser, em grande parte, resultado da partilha coletiva de significados, é necessariamente construído em sociedade, promovendo valores como a colaboração, a partilha e a interação, independentemente de qualquer tipo de filiação.

O surgimento do termo “Sociedade da Informação” teve origem em 1933 e veio a ser maturado em 1970. Em 1973 é através do sociólogo estadunidense Daniel Bell onde a noção da “sociedade de informação” é introduzida em seu livro *O advento da sociedade pós-industrial* (SALLY, 2005). Gouveia (2004, p. 1) complementa ao dizer que o conceito sociedade da informação ao surgir dos trabalhos de Alain Touraine (1969) e Daniel Bell (1973) tratava sobre as influências dos avanços tecnológicos nas relações de poder, identificando a informação como ponto central da sociedade contemporânea.

Já Oliveira e Bazi (2008) trazem que o “batismo” sociedade da informação se deu em países desenvolvidos como Estados Unidos e Japão, devido à importância que a informação estava tendo não só nos setores econômicos, mas também na vida social, cultural e política (OLIVEIRA; BAZI, 2008).

Porém, é nos anos 1990 que a expressão “sociedade da informação” ganha força a partir de alguns acontecimentos como o “boom” da informática, das telecomunicações e das TIC’s. (OLIVEIRA; BAZI, 2008, SALLY, 2005). Outros acontecimentos marcantes foram predominantes para a consolidação da denominação da sociedade em “sociedade da informação”, conforme Sally (2005, p. 1):

Esta expressão reaparece com força nos anos 90, no contexto do desenvolvimento da Internet e das TIC. A partir de 1995, foi incluída na agenda das reuniões do G7 (depois, G8, onde se reúnem os chefes de Estado ou governos das nações mais poderosas do planeta). Foi abordada em fóruns da Comunidade Européia e da OCDE (os trinta países mais desenvolvidos do mundo) e foi adotada pelo governo dos Estados Unidos, assim como por várias agências das Nações Unidas e pelo Banco Mundial. Tudo isso com uma grande repercussão mediática. A partir de 1998, foi escolhida, primeiro na União Internacional de Telecomunicações e, depois, na ONU para nome da Cúpula Mundial programada para 2003 e 2005.

É a partir da consolidação da sociedade em uma “sociedade da informação” que pode-se destacar através de Borges (2000, p.29) algumas das principais características que emergem desta consolidação:

- A informação é um produto, um bem comercial;
- O saber é um fator econômico;
- As tecnologias de informação e comunicação vêm revolucionar a noção de “valor agregado” à informação;
- A distância e o tempo entre a fonte de informação e o seu destinatário deixaram de ter qualquer importância; as pessoas não precisam se deslocar porque são os dados que viajam;
- A probabilidade de se encontrarem respostas inovadoras a situações críticas é muito superior à situação anterior;
- As novas tecnologias criaram novos mercados, serviços, empregos e empresas;
- As tecnologias de informação e comunicação interferiram no “ciclo informativo”, tanto do ponto de vista dos processos, das atividades, da gestão, dos custos etc.;
- O próprio usuário da informação pode ser também o produtor ou gerador da informação;
- Registro de grandes volumes de dados a baixo custo;
- Armazenamento de dados em memórias com grande capacidade;

- Processamento automático da informação em alta velocidade;
- Recuperação de informação, com estratégias de buscas automatizadas;
- Acesso às informações armazenadas em bases de dados em vários locais ou instituições, de maneira facilitada;
- Monitoramento e avaliação do uso da informação.

Nota-se através das características de Borges (2000) que as tecnologias, portanto revolucionaram as formas de acesso, processamento e uso das informações criando novas formas de sociabilidade. Diferentemente de Borges, Reis e Castro (2004) apontam como principal característica emergente desta sociedade o consumo da informação através do uso intensificado de recursos informacionais.

Porém concorda-se com Gouveia (2004, p. 3) quando ele diz que

Numa sociedade de informação, as pessoas aproveitam as vantagens das tecnologias em todos os aspectos das suas vidas [...] como a utilização de serviços de comunicação de dados, como a Internet e o correio eletrônico [...], além disso, não é a tecnologia, apesar de tudo, o elemento crucial, mas sim o que esta pode potenciar nas relações entre pessoas e organizações.

Com relação ao bibliotecário na sociedade da informação, Tarapanoff (2000) apud Russo (2010) apresenta as habilidades relacionadas aos mesmos a partir das ações contidas no Programa Sociedade da Informação, um programa que tinha como objetivo “o fomento à utilização maciça dos serviços de computação, comunicação e informação, com vistas a garantir sua aplicação pela sociedade, tornando-a capaz de atuar nesse novo ambiente” (RUSSO, 2010). Estas ações são:

- Preservar a informação;
- Organizar a informação para uso;
- Conectar-se em redes e participar de consórcios;
- Ser empreendedor;
- Trabalhar a informação, agregar valor;
- Socializar a informação;
- Educar para a utilização da informação;
- Valorizar o conceito econômico da informação;
- Criar, pesquisar e consumir informação.

A seguir será apresentada de que forma as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) mediam os atividades desenvolvidas pelos profissionais da informação, bibliotecários.

## 2.2 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

A história da humanidade foi marcada por grandes invenções tecnológicas. De acordo com Silva (2014) a primeira ferramenta tecnológica produzida pelo homem foi a caça nos primórdios da civilização que, por sua vez, só foi possível, de acordo com Siqueira (2006), com outras ferramentas como o fogo, a roda, o sílex, a alavanca. Desde então os períodos da história da humanidade foram marcados por grandes invenções, invenções que por sua vez marcaram as grandes revoluções históricas como a segunda e terceira revoluções. A segunda revolução, a industrial, foi motivada por invenções como a máquina a vapor, o motor a petróleo e a eletricidade. Já a terceira revolução, foi marcada pela informática e as comunicações, tecnologias que por sua vez impulsionaram a sociedade da informação, (SIQUEIRA, 2006).

As tecnologias, portanto são definidas por Siqueira (2006) como as “alavancas” da sociedade, pois “funcionam como alavancas da economia, da casa, do entretenimento, da escola, do trabalho, da produtividade industrial, do governo eletrônico e de todos os benefícios sociais daí decorrentes” (SIQUEIRA, 2006).

As tecnologias foram se reinventando conforme a necessidade humana. O chip ou o microprocessador, tecnologias da origem da sociedade da informação conforme Siqueira (2006) deu origem às tecnologias da informação e das comunicações.

As Tecnologias da Informação e comunicação (TIC) são definidas por Pacievitch (2009, p. 1) como

Um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum [e] utilizadas das mais diversas formas, na indústria (no processo de automação), no comércio (no gerenciamento, nas diversas formas de publicidade), no setor de investimentos (informação simultânea, comunicação imediata) e na educação (no processo de ensino aprendizagem).

Portanto, as TIC, são inovações tecnológicas que permitem o processamento, armazenagem e transmissão das informações que por sua vez são utilizadas em todas as esferas da sociedade (RODRIGUES *et. al.*, 2001). Giannasi (1999) complementa ao dizer que o processamento a recuperação e a transmissão da informação das inovações tecnológicas ao serem aplicados em todos os cantos da sociedade reduziram os custos dos computadores, máquinas de enorme capacidade de memória, máquinas aplicadas em todos os lugares devido à convergência e imbricação da computação e das telecomunicações.

Em se tratando das características tecnológicas, Takahashi (2000) reflete acerca da velocidade e a quantidade com que as informações mediadas pelas TIC são transmitidas o que tomou rumos há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais. Já Amaral (2007) destaca a velocidade não das informações, mas da aceleração da convergência entre as telecomunicações, os computadores e os “mídia” proporcionada pela microeletrônica, optoeletrônica, multimídia, compressão digital de dados em pacotes de informação bem como mudanças na matéria prima, na produção industrial.

Buscou-se quais TIC fazem parte desta nova era, a denominada era da informação através de Silva (2014):

- Microeletrônica;
- Computador;
- Software;
- Internet;
- Tecnologias sem fio (wireless);
- Fotônica;
- Armazenamento de massa (mass storage);
- Nanotecnologia;
- Redes;
- Convergência digital.

Takahashi (2000) apresenta algumas tecnologias que adentraram no Brasil na década de 1990: a Internet brasileira e as telecomunicações. Já Russo (2010) apresenta alguns sistemas automatizados de recuperação de informação a partir da evolução da informática: as bases de dados americanas como a Orbit, Dialog e a Questel, assim como os CD-ROMs. A Internet utilizada na década de 1990 atuou conforme Russo (2010) como forma de promoção do acesso a informação em base de dados como a SilverPlatter, da H.W. Wilson Company, da Ovid Technologies Inc. e as do Institute for Scientific Information (ISI). Russo (2010) aborda também a respeito de algumas redes de compartilhamento de dados nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação como o Comut que tem como órgão responsável o IBICT.

Por fim, Almeida (2010) ao tratar da Internet, apresenta-a como último dos meios de comunicação e informação que possibilitaram o início da web 2.0, ou seja, uma rede colaborativa baseada em redes sociais, chats e blogs onde as pessoas podem expressar individualmente assim como participar de uma comunidade de seu interesse. Como desvantagem da internet Almeida (2010) destaca a fragmentação da informação devido a sua



natureza idiossincrática, o que dificulta a promoção de corpos de conhecimento especializados, como por exemplo, a ciência. É inegável, portanto, que a criação e desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação possibilitaram a disposição e troca de informação assim como acarretou mudanças na sociedade como mudanças nos hábitos, comportamentos, atitudes e oportunidades do indivíduo, refletindo na sociedade como um todo (REIS; CASTRO, 2003).

De posse do que os vários autores abordaram sobre os aspectos acerca da sociedade da informação é seguro afirmar que as tecnologias de informação e comunicação, as TIC revolucionaram o mundo do trabalho do bibliotecário impondo um novo ritmo de atividades.

Silva (2014, p. 9) menciona que

As tecnologias possibilitaram que a biblioteconomia e a áreas afins que seus serviços fossem ampliados, que atingissem um número cada vez maior de pessoas, além de possibilitar que novos serviços fossem criados ou ainda aprimorar os já existentes, possibilitaram também uma comunicação dinâmica e rápida com os usuários, foi também possível que a informação, esteja disponível em tempo hábil a qualquer pessoa que possua conexão em rede. Possibilitaram que a informação esteja cada vez mais presente na vida das pessoas, contribuíram também para atingir os usuários potenciais, que atraídos pela nova forma de prestação de serviços e/ou dos novos serviços prestados passaram a frequentar com mais assiduidade uma U.I.

Ramalho (1993, p. 37-38) ao tratar da das novas tecnologias no campo da informação, apresenta a evolução das "caixas pretas" da biblioteca: do livro erudito medieval ao mundo dos computadores, do videotexto, do teletexto, dos discos óticos, do correio eletrônico, do telefacsímile, da inteligência artificial, etc. Portanto,

As tecnologias possibilitaram que a biblioteconomia e a áreas afins que seus serviços fossem ampliados, que atingissem um número cada vez maior de pessoas, além de possibilitar que novos serviços fossem criados ou ainda aprimorar os já existentes, possibilitaram também uma comunicação dinâmica e rápida com os usuários, foi também possível que a informação, esteja disponível em tempo hábil a qualquer pessoa que possua conexão em rede (SILVA, 2014, p. 9).

Russo (2010) complementa a evolução das tecnologias no campo da informação ao apresentar os sistemas de gerenciamento de bibliotecas, definindo-os como sistemas que controlam as atividades de registro, tratamento e recuperação dos itens dos acervos das unidades de informação.

É inegável, portanto que com a evolução tecnológica no campo da informação demandou novos desafios, novas tarefas aos bibliotecários.

Muitos autores abordam como os profissionais da informação devem atuar na sociedade da informação dentre eles Ramalho (1993) e Silva (2014). Ramalho (1993) apresenta algumas atribuições requeridas ao profissional da informação dentre as quais ter um

papel ativo direcionado à orientação das pessoas no que se refere à seleção das fontes de informação, ao seu acesso e uso, fazendo das mesmas o melhor proveito (RAMALHO, 1993).

Já Silva (2014, p. 2) complementa ao afirmar que

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) exigem um novo perfil de profissional. É preciso que o bibliotecário domine o uso do computador, compreenda e saiba utilizar a rede mundial de computadores (www), onde encontrar e filtrar a informação e como disponibilizá-la e levá-la ao usuário certo. Neste novo contexto cabe ao profissional bibliotecário compreender e assimilar os novos desafios que se iniciam e a partir deste desafio com as tecnologias, aliá-las a seu cotidiano ampliando assim sua área de atuação.

Por fim, Castro (2000, p. 9) apresenta as atitudes e perfis desejados ao moderno profissional da informação (MPI):

Atenção às técnicas biblioteconômicas e documentais /Atitudes gerenciais proativas/ Desenvolvimento de atividades em espaços onde haja necessidade de informação, tratamento e disseminação de informação, independentemente do seu suporte físico/ Espírito crítico e bom senso/ Atendimento real e virtual ao cliente (sujeito x sujeito, sujeito x máquina) / Intenso uso das tecnologias de informação/ Domínio de línguas estrangeiras/ Ativas práticas interdisciplinares/ Fusão entre as abordagens qualitativas e quantitativas/ Estudo das necessidades de informação dos clientes e avaliação dos recursos dos sistemas de informação/ Relação informação e sociedade/ Domínio dos saberes biblioteconômicos e áreas afins/ Planejamento e gerenciamento de sistemas de informação/ Preocupação na análise, comunicação e uso da informação/ Intenso processo de Educação continuada/ Treinamento em recursos informacionais/ Ativa participação nas políticas sociais, educacionais, científicas e tecnológicas.

Esta subseção inicial demonstrou um pouco de como as tecnologias da informação e comunicação, as chamadas TIC incididas na sociedade da informação acarretaram um novo “saber fazer” no mundo do trabalho dos profissionais da área da Biblioteconomia, bem como, exigem deste profissional um novo perfil de atuação tanto no mercado de trabalho quanto em outras áreas de atuação que necessitam da contratação destes profissionais. A seguir, será apresentada brevemente sobre como a formação em Biblioteconomia, contribui para o desenvolvimento da atuação dos que se formam neste curso no que diz respeito a sua atuação no mercado de trabalho e outras áreas de atuação que necessitam da contratação destes profissionais.

## 2.3 A FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

A formação profissional Biblioteconomia como qualquer outra área de formação é um processo longo que vai desde o aprendizado teórico até a prática através de estágios na área. afirma Corrêa (2001, p. 9) que “este processo educativo geralmente culmina com a obtenção

de um grau de bacharelado ou licenciatura, o qual é coroado com a entrega de um diploma em uma solenidade de colação de grau”. No entanto é importante lembrar como se deu a implantação do curso de Biblioteconomia resgatando alguns fatos que contribuíram para o seu desenvolvimento.

É em 1911 o início da formação profissional em Biblioteconomia como bem lembra Santos (1998). As seguintes disciplinas de formação eram: paleografia, numismática, diplomática e iconografia e a proposta de formação naquela época era de formar bibliotecários eruditos (SANTOS, 1998). Mueller (1985) ao citar Fonseca (1957) complementa que o curso ao ser implantado na Biblioteca Nacional através da Lei nº 2.356, de 31 de dezembro, de 1911 registra a primeira fase do curso de Biblioteconomia no Brasil onde o ensino era marcado por influências da escola francesa École de Chartes. Já a segunda fase do curso é marcada a partir da implantação do curso em São Paulo. Santos (1998, p. 1) destaca que

Os dois Cursos posteriormente instalados no Estado de São Paulo, um dos quais junto ao Instituto Mackenzie (1929) e o outro junto à Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo (1936), no âmbito do Departamento de Cultura, contavam como seus professores Rubens Borba de Moraes e Adelpha Silva R. de Figueiredo. Conta-nos a literatura que ambos haviam empreendido estudos na área da Biblioteconomia nos Estados Unidos da América de Norte.

Nota-se, portanto a influência americana sobre estes cursos nesta região. Outro marco teórico acerca da formação na área diz respeito à expansão do curso para outros estados. A informação que se tem a partir de Santos (1998, p. 1) é que

Vários outros cursos foram criados a partir daquela época, todos através da ação de profissionais graduados em São Paulo. Os conteúdos ministrados variavam de curso para curso (na época denominados de escolas) com maior ou menor grau de disciplinas técnicas. Tentando corrigir esta questão, aparentemente inadequada, a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), criada em 1959, conseguiu que em 1962, o Conselho Federal de Educação publicasse o Parecer n.326, o qual fixou o currículo mínimo e determinou a duração dos cursos de Biblioteconomia brasileiros.

Mueller (1985), ao classificar os momentos marcantes da área em fases, destaca esta fase, a fase do parecer n. 326, a fase de implementação do currículo mínimo como a terceira fase marcante para a Biblioteconomia, e a partir desta acrescenta mais duas fases devido ao

Fortalecimento e proliferação dos cursos, pelo crescente descontentamento em relação ao conteúdo do currículo mínimo, pela influência da tecnologia e pelo aparecimento dos cursos de pós-graduação; e o período atual, a partir de 1982, datada aprovação do novo currículo mínimo e que será caracterizada, portanto, pela reformulação dos programas de ensino (MUELLER, 1985, p. 3).

A regulamentação do curso também é um fato que precisa ser lembrado. Sobre isto diz Santos (1998) que a lei criada em 1962 através do número 4.084 é a que permite a regulamentação do curso. Esta Lei, portanto, dispõe sobre a profissão de bibliotecário e

regulamenta seu exercício. Já as atividades inerentes aos que se formam em Biblioteconomia são designadas na Lei de número 7.504 promulgada em 1986 que “alterou pequenos trechos da Lei n.4084, especialmente quanto à exigência de apresentação de diploma de nível superior para a ocupação de cargos e funções de bibliotecário” (SANTOS, 1998, p. 2). Outra lei é promulgada em 25 de junho de 1998. É a lei de número 9.674 que “dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e determina outras providências”. Esta lei foi resultado das várias reformulações feitas a partir da legislação em vigor (SANTOS, 1998). Portanto, estas leis se relacionam com a profissão.

Antes de tratar da atuação do bibliotecário em empresas de tecnologia é importante ressaltar de que forma se deu a inclusão de disciplinas de tecnologias na formação dos bibliotecários. A implantação do currículo mínimo tem origem em 1962 e oferecia as seguintes disciplinas:

- História do Livro e das Bibliotecas;
- História da Literatura;
- História da Arte;
- Introdução aos Estudos Históricos e Sociais;
- Evolução do Pensamento Filosófico e Científico;
- Organização e Administração de Bibliotecas;
- Catalogação e Classificação;
- Documentação;
- Paleografia (SANTOS 1998).

Mais tarde com a criação da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) em 1967 estabelece-se através da resolução de número 08/82 os mínimos de conteúdo e duração dos cursos de Biblioteconomia (SANTOS, 1998). Diz Santos (1998, p.5) ainda que “o novo currículo teve como proposição ser multidisciplinar, preocupar-se com a organização dos documentos e, também, com o tratamento da informação, destacando o usuário dos serviços e unidades de informação como eixo central”. Desde então o currículo mínimo apresentou na época três divisões:

- a) Matérias de Fundamentação Geral: comunicação, aspectos sociais, políticos e econômicos do Brasil contemporâneo e história da cultura;
- b) Matérias Instrumentais: lógica, língua portuguesa e literatura da língua portuguesa, língua estrangeira moderna e métodos e técnicas de pesquisa;
- c) Matérias de Formação Profissional: informação aplicada à Biblioteconomia, produção dos Registros do conhecimento, formação e desenvolvimento de coleções, controle

bibliográfico dos registros do conhecimento disseminação da informação administração de Bibliotecas (CONSELHO..., 1982, p. 246 apud SANTOS, 1998, p. 6).

É a partir do currículo mínimo, portanto, que os cursos puderam elaborar seus currículos plenos como afirma Santos (1998). O currículo mínimo elaborado desde então formava um determinado tipo de profissional, um profissional apto a trabalhar em bibliotecas.

É a partir dos anos 1990 que começam a surgir as primeiras exigências de um determinado tipo de profissional. Um profissional apto a trabalhar em qualquer tipo de biblioteca como bibliotecas públicas, escolares, universitárias ou especializadas, centros de documentação, unidades tradicionais ou virtuais (SANTOS, 1998).

Outro fato marcante além das novas exigências de um novo profissional foi a harmonização curricular iniciada a partir da globalização, da consolidação da União Europeia (EU) e do MERCOSUL a partir das primeiras conversações sobre a mobilidade dos profissionais em todos os níveis de formação. A discussão para dar início a integração se dá através da criação da ABEED, em 1996 e tem como objetivo a harmonização curricular definida como uma das maneiras de facilitar a mobilidade de profissionais em todos os níveis de formação pelos diversos países componentes do bloco (SANTOS, 1998, p. 7).

Portanto, são a partir destes fatos que se definem os principais núcleos de conhecimentos, a serem ministrados nos cursos dos estados parte e associados em seis áreas (SANTOS, 1998, p. 7). Estas áreas são:

Área 1: Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação;

Área 2: Processamento da Informação;

Área 3: Recursos e Serviços de Informação;

Área 4: ~~Gestão de Unidades de Informação.~~

Área 5: Tecnologia da Informação;

Área 6: ~~Pesquisa.~~

O foco da pesquisa incide, portanto nas disciplinas referentes à área cinco, ou seja, a área em que incluem-se disciplinas de cunho tecnológico. A área cinco que trata da tecnologia da informação apresenta os seguintes assuntos:

- Aplicações da tecnologia da informação e comunicação nas unidades de informação;
- Análise, avaliação e desenvolvimento (hardware e software);
- Gestão de bases de dados e bibliotecas virtuais. Análise e avaliação de sistemas e redes de informação;

- Informatização das unidades de informação.

A próxima seção apresentará o panorama atual do mercado de trabalho para os bacharéis em Biblioteconomia, assim como de que forma deverá ser a sua atuação frente a estes novos “nichos” de mercado.

## 2.4 A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO EM EMPRESAS DE TECNOLOGIA

No que se refere à atuação profissional dos profissionais formados em Biblioteconomia pode-se dizer que desde então o mercado de trabalho para este profissional da informação é muito amplo, ou seja, além do ambiente tradicional, a biblioteca, este profissional encontra atualmente outras áreas de atuação.

Rubi, Euclides e Santos (2006) afirmam que além dos espaços tradicionais de atuação, as bibliotecas, outros espaços estão admitindo este profissional em virtude do que se abordou anteriormente.

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (instrumento que tem como finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho de uma determinada profissão) define as seguintes atividades realizadas pela categoria:

Disponibilizar a informação em qualquer suporte; gerenciar unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratar tecnicamente e desenvolver recursos informacionais; disseminar a informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolver estudos e pesquisas; realizar a difusão cultural; desenvolver ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria (BRASIL, 2002).

Já Santos e Araújo (2014, p. 2) incluem outras atividades que podem ser realizadas por estes profissionais, dentre as quais normalização dos trabalhos técnico-científicos, automação de redes e sistemas de bibliotecas, automatização de unidades de informação, criação de banco de dados para diversos tipos de bibliotecas.

Outras mudanças em torno da carreira do profissional é o abordado por Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005, p. 209-210) onde são apresentadas as reformulações feitas em 2002 através da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO. Sob a classificação de número 2612 a categoria “Profissionais da Informação” passou a ser dividida em:

**2612-05 Bibliotecário** - Bibliógrafo; Biblioteconomista; Cientista de informação; Consultor de informação; Especialista de informação; Gerente de informação; Gestor de informação.

**2612-10 Documentalista** - Analista de documentação; Especialista de documentação; Gerente de documentação; Supervisor de controle de processos documentais; Supervisor de controle documental; Técnico de documentação;

Técnico em suporte de documentação.

**2612-15 Analista de informações (pesquisador de informações de rede)** - Pesquisador de informações de rede (BRASIL, 2002, grifo nosso).

Portanto, observa-se que o arranjo destas categorias possibilitou dar uma clareza ao profissional da área, o que acarretou novas possibilidades de atuação no mercado de trabalho.

A categoria Profissional da Informação, portanto, trouxe uma nova perspectiva profissional o que possibilitou várias formas de atuar com a informação em qualquer suporte. De acordo com Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005, p. 210) esta categoria apresentada pela CBO, “Pode auxiliar empregadores e especialistas em recrutamento e seleção, possibilitando, dessa forma, novas oportunidades de mercado, em especial, para os bibliotecários – categoria que abrange o maior número de atribuições”.

De posse destas informações pode-se dizer que muitas são as funções ou as atividades inerentes a este profissional, ou seja, a atuação profissional vai além do que simplesmente um “mero arrumador, catalogador de livros” (CASTRO, 2000, p. 5).

Com relação ao mercado de trabalho para aos bacharéis em Biblioteconomia Valentim (2000) divide o mercado de trabalho do profissional em três grandes grupos, o grupo informacional tradicional composto por bibliotecas públicas, escolares, universitárias e especializadas, os centros culturais e os arquivos, o mercado informacional existente não ocupado composto por bibliotecas escolares, editoras e livrarias, empresas privadas, provedores de Internet, bancos e bases de dados e o mercado informacional – tendências composto por centros de informação, documentação em empresas privadas, um grande mercado de trabalho em expansão, bancos e bases de dados eletrônicos e digitais, no caso brasileiro, portais de conteúdo e de acesso sejam na Internet ou nas Intranets. Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005) complementam ao incluírem o órgão federal e empresas.com.

A figura que consta no Anexo A nos mostra as diversas áreas de atuação para este profissional e ilustra a diversificação da atuação profissional como os ambientes tradicionais de atuação como bibliotecas, até ambientes poucos tradicionais como editoras, provedores de internet, agências de publicidade, laboratórios, hospitais, instituições financeiras. Interessa para este trabalho os ambientes não tradicionais, ou seja, aqueles que diferem dos ambientes tradicionais, as bibliotecas. Estes ambientes referem-se a segmentos tecnológicos, como as bibliotecas digitais, e as redes sociais, por exemplo.

Pode-se dizer que o mercado informacional - tendências, apresentado por Valentim (2000) alteraram a forma de se trabalhar com a informação bem como novas formas de conhecimento e fazer humanos, a criação de novas parcerias, a reorganização do sistema de

profissões e suas articulações, entre outros (CUNHA, 2006).

Portanto, em decorrência das perspectivas tecnológicas que ampliaram o mercado de trabalho deste profissional Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005) apontam o detrimento do ser profissional em relação ao fazer profissional, o que faz com que o bibliotecário desenvolva outras habilidades, tenham uma postura proativa e visão de futuro, sob pena de ao não estarem atentos a estes aspectos corram o risco de ficarem para trás. Corrêa (2001, p. 4) ao citar Ferreira (1994, p. 263) complementa ao apresentar o que acarretou a entrada da internet bem como o de outras ferramentas no mundo do trabalho do bibliotecário:

O veloz desenvolvimento da Internet, o aparecimento de ferramentas que permitem acessar e navegar seus recursos... São fatores que sem dúvida exigem um repensar na formação atual dos profissionais e, em particular, no cientista da informação (incluindo aqui os bibliotecários, documentalistas, arquivistas, cientistas, pesquisadores e outros)

Outro aspecto importante, acerca das oportunidades de mercado de trabalho em outros espaços que não unidades de informação, é lembrado por Sales (2004, p. 43) que menciona que o valor atribuído à informação demandou ao profissional da informação atenção nas questões de formas de disponibilizar a informação, pois “a ascensão das tecnologias de comunicação e informação e de ferramentas sofisticadas de busca às informações fazem parte da realidade de muitas pessoas” (SALES, 2004, p. 43).

Ao visualizar o valor econômico da informação, Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005) discorrem a cerca do papel do bibliotecário no que diz respeito ao **gerenciamento da informação** (relacionada ao suporte tangível, quantificável) e o **conhecimento** (propiciando a conversão de conhecimento tácito em explícito, a criatividade e a inovação). Já Valentim (2002, p.119) ao tratar da postura do profissional da informação frente às mudanças na sociedade ocasionadas pelo tripé informação, tecnologias da informação e telecomunicações demandou a este profissional uma postura investigativa e crítica “de modo que possa assumir essas mudanças sociais de forma natural” (VALENTIM, 2002, p. 119).

Takahashi (2000) por sua vez apresenta de que forma as TIC revolucionaram o mercado de trabalho e a exigência de determinados perfis profissionais a partir da inserção da explosão da rede global a World Wide Web, a abertura do comércio eletrônico, porém reflete sobre a inclusão tardia das tecnologias no Brasil e o crescimento do mercado de informação no Brasil desde então. A informação que se tem a partir de Takahashi (2000) é que o mercado de bens e serviços de informática e telecomunicações no Brasil movimenta cerca de US\$50 bilhões anuais fazendo com que várias empresas fabricantes de equipamentos de telecomunicações tenham surgido e implantado infraestrutura de redes de uso comercial. Um



dos produtos que surgiram a partir destes mercados foram os *softwares*. Outro mercado que evolui no Brasil desde então foi também o comércio eletrônico. Ou seja, é notável que o mercado tecnológico ocasionou a abertura de novas oportunidades de trabalho e avanços em diversos serviços como, por exemplo, os serviços prestados por unidades de informação, ambiente tradicional para os que se formam em Biblioteconomia. Como afirma Cunha (2006, p.2)

As mudanças tecnológicas alteram, de forma drástica, as práticas profissionais em todas as áreas de conhecimento, repercutindo amplamente no mundo do trabalho que se encontra em reorganização (...) sendo mais aguda nos campos da profissão da informação (...) porque os limites que historicamente demarcavam os diferentes tipos de trabalho com a informação estão mais tênues.

Esta subseção procurou apresentar a atuação dos bibliotecários em outros espaços que não o espaço tradicional, a biblioteca. Apresentou que além das funções definidas pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) o profissional realiza outras atividades em virtude da evolução das novas situações provocadas pela globalização apresentado por Valentim (2000). Através da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) pode-se ter uma maior clareza de que além de bibliotecário o profissional pode ser também um cientista da informação, por exemplo.

Por fim, procurou-se apresentar os vários novos “nichos” de mercado que demandam a estes profissionais novas formas de atuar, novos saber fazer. A próxima seção apresentará a fundamentação teórica-metodológica adotada para este trabalho.

### 3 O CONSTRUCIONISMO SOCIAL E A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE OS INDIVÍDUOS

Esta seção baseia-se na fundamentação teórica adotada para este trabalho. Através do construcionismo social de Peter Berger e Thomas Luckmann e na abordagem da interdependência de Norbert Elias, teorias que dão base a Teoria das Representações Sociais, que por sua vez fornece subsídios a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, metodologia que dá suporte a análise de dados deste trabalho.

O profissional da informação assim como qualquer indivíduo, estabelece suas relações no meio em que vivem. Almeida (2010, p. 124) ao citar Simmel (1973) apresenta-nos que

Os indivíduos encontram-se, nos pontos de cruzamento dos círculos sociais, estabelecendo relações interdependentes. No desempenho dos diversos e muitas vezes divergentes papéis sociais, os indivíduos concretizam os fios da rede de reciprocidades e entrelaçamentos que os unem entre si e com a “sociedade”.

A importância das relações humanas para os indivíduos apresenta-se ainda na infância quando

A criatura impulsiva e desamparada [...] vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto. Isolada dessas relações, ela evolui, na melhor das hipóteses, para a condição de um animal humano semisselvagem. É apenas na sociedade que a criança pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciadas, se transforma num ser mais complexo (ELIAS, 1994, p. 27).

Belloni (2007, p. 59) ao tratar da socialização, definindo-a como um processo de relações humanas diz que as primeiras interações que se constroem entre a criança e o outro ocorrem no círculo familiar, ligando a criança à sua família, notadamente à mãe. Ainda nos apresenta Belloni (2007, p. 59) que

Na família, a criança aprende a inibir certas emoções e a exteriorizar outras. Adquire a linguagem, que lhe permite nomear e, portanto, conhecer e se representar o mundo; compreender suas emoções e dominá-las, e compreender e aceitar as emoções dos outros. A família é, pois, uma instância-chave para a socialização primária.

Esta trama de relações apresentada ao indivíduo ainda na infância é necessária, pois como afirma Elias (1994) a sociedade está relacionada a uma contínua estrutura de indivíduos interdependentes, isto é os indivíduos primeiro exercem suas relações na família onde este irá depender dela, depois os indivíduos irão exercer esta relação em sociedade onde irão depender de outras pessoas diferentes do seu âmbito familiar.

Esta relação em sociedade constitui o que afirma Elias (1994) os “laços invisíveis” definido pelo autor como “laços” que as pessoas exercem entre si. Segundo Belloni (2007, p.59) “a psicologia insiste sobre a importância das emoções, pois o primeiro vínculo que liga a criança ao outro (em geral, a mãe) é um laço afetivo”. Depois estes laços irão se tornar em

Laços de trabalho e propriedade ou de instintos e afetos concretizados em uma “ordem oculta e não perceptível pelos sentidos”, em que cada pessoa faz parte de determinado lugar, tem uma mesa à qual come, uma cama em que dorme, tem uma função, uma propriedade ou trabalho específico, algum tipo de tarefa para os outros, ou uma função perdida, bens perdidos e um emprego perdido (ELIAS, 1994, p. 22).

Sobre as relações exercidas pelos seres humanos, Elias (1994) lança mão de imagens, exemplos a fim de deixar claro uma ideia, como a ideia de que os indivíduos constituem entre si relações, utiliza o exemplo da rede: a rede de tecido:

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca (ELIAS, 1994, p. 35).

É nas interações sociais, portanto o ponto de partida para a incidência dos “fenômenos reticulares”, definido como o constante moldar e redemolar que incidem das relações mútuas (ELIAS, 1994).

Portanto a relação entre os indivíduos é uma relação não em termos de substâncias isoladas, únicas e sim em termos de relações e funções. Elias (1994) lança mão da imagem da dança para mostrar-nos que como na dança, os indivíduos que dançam entre si, não podem ser considerados isoladamente, pois o movimento de um deve ser entendido pelo outro e vice-versa. Ou seja, Elias (1994) deixa claro que assim como acontece com os bailarinos, onde os passos e medidas, os gestos e movimentos feitos por cada bailarino são todos inteiramente combinados e sincronizados com os dos demais bailarinos, os indivíduos não podem ser considerados isoladamente, pois, apesar de cada um ter uma história singular até chegar à morte,

“O modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas” (ELIAS, 1994, p. 26). E

Ainda que eles se afastem de todas as outras pessoas como eremitas, os gestos executados longe dos outros, assim como os gestos a eles dirigidos, são gestos relacionados com os outros. É claro que um indivíduo pode facilmente sair de uma dança, se o desejar, mas as pessoas não se juntam para formar uma sociedade unicamente por um desejo de dança e divertimento. O que as liga à sociedade é a propensão fundamental de sua natureza (ELIAS, 1994, p. 26).

Por fim, a definição de Belloni (2007, p. 63) acerca da socialização é que a “a socialização como categoria sociológica básica pode ser compreendida dialeticamente em seu duplo aspecto como a ação da sociedade sobre as crianças e a apropriação do universo de socialização pela ação das crianças”.

A fim de complementar as ideias empreendidas pelo sociólogo Norbert Elias e Maria Luiza Belloni será abordado os estudos sobre a sociologia do conhecimento empreendidos por Peter Berger e Thomas Luckmann complementando com o que apresenta Maria Luiza Belloni a fim de relacioná-las com as considerações de Norbert Elias apresentadas até o momento.

Segundo Berger e Luckmann (2003, p. 47) em seus estudos sobre a exteriorização a partir da esfera da realidade da vida cotidiana, afirmam que “a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros”.

Os autores lembram, ainda, que a situação face a face é a mais importante experiência que os indivíduos estabelecem um com os outros, para eles um caso prototípico da interação social onde os demais casos irão derivar deste. (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 47).

Almeida (2010, p. 123) ao citar Simmel complementa que a conversa é o suporte mais difundido de toda comunidade humana, cumprindo um papel decisivo na vida social, ao permitir a partilha de conhecimentos e a possibilidade de entendimento entre os indivíduos.

Além do contato face a face outro elemento analisado na realidade da vida cotidiana são as objetivações que resultam destas relações como é o caso da produção humana de sinais como a linguagem. Para Berger e Luckmann (2003, p. 57) a linguagem “tem origem na situação face a face, mas pode ser destacada desta”.

Outro elemento que incide nas relações sociais, ou seja, quando o indivíduo está em sociedade, são as intersubjetividades expressadas objetivamente. Berger e Luckmann (2003) ao tratarem da objetivação definem-na como o resultado de processos subjetivos do indivíduo que não acontece somente em uma situação face a face. Um exemplo dado pelos autores acerca desta questão é a atitude subjetiva de cólera: “Uma atitude subjetiva de cólera é diretamente expressa na situação face a face por um certo número de índices corpóreos, fisionomia, postura geral do corpo, movimentos específicos dos braços e dos pés, etc.” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 53).

Berger e Luckmann (2003) ao apresentarem a produção humana de sinais, dizem que esta se trata de um caso especial de objetivação que expressa-se a partir da linguagem:

Falo como penso e o mesmo faz meu interlocutor na conversa. Ambos ouvimos o que cada qual diz virtualmente no mesmo instante, o que torna possível o contínuo, sincronizado e recíproco acesso às nossas duas subjetividades, uma aproximação intersubjetiva na situação face a face que nenhum outro sistema de sinais pode reproduzir (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 57).

Com relação à importância das relações humanas para o indivíduo ainda na infância lembram Berger e Luckmann (2003), que o indivíduo também é socializado ainda na infância quando passa por um processo chamado de interiorização. A interiorização acontece quando o indivíduo “apreende ou interpreta de imediato um acontecimento objetivo dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 174). Assim o indivíduo se torna membro da sociedade. Já socializado este indivíduo irá então participar de outros setores do mundo objetivo de sua sociedade. Belloni (2007, p. 58) ao definir socialização afirma que é

Um processo essencialmente ativo que se desenrola durante toda a infância e adolescência por meio das práticas e das experiências vividas, não se limitando de modo algum a um simples treinamento realizado pela família, escola e outras instituições especializadas. Este processo, extremamente complexo e dinâmico, integra a influência de todos os elementos presentes no meio ambiente e exige a participação ativa da criança.

Ainda sobre o processo de socialização Belloni (2007, p. 59) afirma que é um processo que envolve a transmissão de valores, modos de vida, crenças representações, papéis sociais e modelos de comportamento e varia de acordo com algumas variáveis como o universo de socialização (definida pela sociedade onde ela vive, pela classe social a que pertence e pelo grupo familiar) e as instituições de socialização, como a escola e as mídias.

Portanto, segundo o indivíduo ao socializar-se de forma efetiva a partir destes dois tipos de socialização, “traz para as relações sociais tudo o que aprendeu com os outros significativos, (isto é, aqueles com quem a criança se identifica por uma multiplicidade de modos emocionais), com a estrutura social objetiva e um mundo social objetivo”. (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 176).

O modo como os indivíduos compartilham entre si o “acervo social do conhecimento” como afirmam Berger e Luckmann (2003), fruto da socialização apresenta-se sob duas formas: primeiramente os autores irão tratar de um tipo de conhecimento compartilhado pelos indivíduos na vida cotidiana que é o conhecimento do senso comum.

Trazem ainda os autores que os indivíduos mesmo tendo suas intersubjetividades vivem em um mundo comum onde há uma contínua correspondência entre os significados de um e de outro indivíduo. Apesar de a realidade da vida cotidiana ser admitida como “a realidade”, como trazem os autores, ou a realidade por excelência como diz Umaña (2002), esta quando é contestada necessita de demasiado esforço por parte daqueles que assim

desejam fazê-la. Berger e Luckmann (2003) tratam este tipo de conhecimento como um conhecimento que transita do natural para o teórico.

Esses pressupostos destes estudiosos são para este estudo uma visão de mundo da pesquisa, que considera o discurso dos entrevistados como fonte primordial de informação, a partir do entendimento de que a realidade se constrói socialmente e de que os indivíduos possuem ligações que estabelecem uma relação de interdependência. Isso infere sobre o pensar e o agir das pessoas.

## 4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A fim de “ouvir” o que os profissionais da informação têm a dizer a respeito das contribuições da formação em Biblioteconomia para sua atuação em empresas de segmento tecnológico o trabalho se fundamenta na Teoria das Representações Sociais (TRS), teoria que se fundamenta a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, técnica a ser apresentada logo a seguir.

Franco (2004, p. 170) ao definir as representações sociais esclarece afirmando que

São elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.

Já Lefrève e Lefrève (2012, p. 22-23) apresentam outras ideias acerca das representações sociais. As Teorias das Representações Sociais são

Reelaborações, metabolizações de conhecimentos e informações geradas em um certo número de espaços sociais onde, modernamente, tais conhecimentos são produzidos e/ou difundidos: meios de comunicação de massa, internet, escola/academia, centros culturais, museus, centros religiosos, locais de trabalho, núcleo familiar. As RS obtidas nas fontes mencionadas são também reelaborações de conhecimentos e informações de certo tipo: literárias, narrativas, artísticas, científicas, religiosas, jornalísticas, escolares, da experiência comum. E ainda tais informações e conhecimentos são elaborados com imagens cinematográficas/televisuais, fotografias, desenhos, pinturas, esculturas, texto escrito, texto falado, música ao vivo, etc.

O conceito de representações sociais foi abordado por diversas áreas do conhecimento tais como a sociologia, a antropologia e a história das mentalidades, mas veio a ser teorizada na psicologia social na década de 60 através de Serge Moscovici e Denise Jodelet. A origem do conceito se deu na sociologia de Durkheim e tem como ponto de partida como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento e como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos (ARRUDA, 2002).

É através da obra de Moscovici “La Psychanalyse, Son Image, Son Public”, em 1961, na França, que a Teoria das Representações Sociais ganha força a partir dos anos 80. Arruda (2002) explica que Moscovici por sua vez, buscou alguns teóricos para dar seguimento ao seu trabalho: Piaget, Lévy-Bruhl e Freud.

Descreve Arruda (2002, p. 129-130) que a teoria das representações sociais

Operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, pregnantes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O

universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. As representações sociais constroem-se, mas frequentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques.

A teoria das representações sociais define-se como “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com o objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET apud ARRUDA, 2002, p. 138). Na definição de Moscovici (1961, p. 27-28 apud ARRUDA, 2002, p. 142),

A representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível, se inserem num grupo ou numa relação cotidiana de trocas, liberam o poder da sua imaginação.

Assim, Arruda (2002) destaca que Moscovici busca resgatar o universo consensual obtido pela vivência humana e o faz remodelando o conceito partindo do princípio da necessidade de atualizá-lo trazendo para a realidade das sociedades contemporâneas. Realidade baseada “na intensa divisão do trabalho, nas quais a dimensão da especialização bem como a da informação tornaram-se componentes decisivas nas vidas das pessoas e dos grupos” (ARRUDA, 2002, p. 135). A respeito do universo consensual obtido pela vivência humana Lefreve e Lefreve (2012) complementam ao tratarem que por as representações sociais estarem relacionadas com a formação sociocultural, uma formação que se baseia em um sistema de trocas (diálogo, conflito, conciliação, confronto etc) este “universo consensual” de que trata Moscovici incide, por sua vez em uma formação social, o que faz com que a formação sociocultural se dê de forma semelhante ou tenham algo em comum.

Arruda (2002) elenca alguns pontos trazidos do resgate de Moscovici a partir de sua obra como a ruptura entre a razão e o senso comum, razão e emoção, sujeito e objeto e a ideia que a realidade é socialmente construída e o saber é uma construção do sujeito, mas não desligada da sua inscrição social (ARRUDA, 2002, p. 131).

Portanto, a autora trata da necessidade de

Conhecer as pessoas que estão por trás destas mensagens, conhecer não somente em termos de condições de subsistência ou de sua situação educacional ou ocupacional, mas sim ampliar esse conhecimento pela compreensão de um ser histórico, inserido em uma determinada realidade familiar, com expectativas diferenciadas, dificuldades vivenciadas e diferentes níveis de apreensão crítica da realidade (FRANCO, 2004, p. 170)

Trazendo esta afirmação de Franco (2004) para o que diz Norbert Elias (1994, p. 28), tem-se que as relações “[...], por exemplo, entre pai, mãe, filho e irmãos numa família -, por



variáveis que sejam em seus detalhes, são determinadas, em sua estrutura básica, pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia antes dela”, ou seja, segundo Elias (1994, p. 28) o indivíduo é um ser histórico, pois a formação individual deste depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas. Já através de Berger e Luckmann (2003) pode-se dizer que os dois tipos de socialização, tanto a primária (interiorização), quanto à secundária (indivíduo já socializado) fornecem ao indivíduo maneiras de interpretar a realidade e transformá-la.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EMPREGADOS

Em coerência com a fundamentação metodológica, com base na teoria das representações sociais exposta anteriormente, a coleta das narrativas mediante entrevista constitui-se recurso fundamental para o alcance do objetivo geral proposto.

### 5.1 CLASSIFICAÇÃO E TIPOLOGIA DA PESQUISA

Tal estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, que, segundo Flick (2009, p. 20) “é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas sociais”.

A pesquisa qualitativa apresenta várias abordagens teóricas sendo que a escolha de uma ou outra abordagem irá depender “no modo como os pesquisadores compreendem seus objetos e seus focos metodológicos” (FLICK, 2009, p. 29). Portanto,

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. A pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista, e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados (FLICK, 2009, p. 23-25).

Pelos procedimentos técnicos, esta pesquisa é classificada como de campo e bibliográfica. Segundo Gil (2002, p. 53) o estudo de campo

Focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Já a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Portanto, o levantamento bibliográfico que deu base à pesquisa consistiu em artigos coletados em meio eletrônico e de livros.

Esta pesquisa também apresenta caráter exploratório tendo em vista que os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de um determinado problema. O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos

limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimentos para, em seguida, planejar um determinado tipo de pesquisa (TRIVIÑOS, 1987).

Já para Gil (2002, p. 41) a pesquisa exploratória

Têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. O planejamento da pesquisa exploratória é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

## 5.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O questionário elaborado (Apêndice III) contemplou questões a fim de identificar os dados pessoais dos sujeitos, os dados profissionais e seu local de atuação, ou seja, obter um perfil dos mesmos.

A entrevista configura neste estudo como o principal instrumento de coleta de dados e suas quatro questões (Apêndice III) foram elaboradas com base nos objetivos específicos para atingir o objetivo geral da pesquisa.

Flick (2009) apresenta que é a partir da postura teórica abordada que se determinaram os métodos a serem utilizados em uma pesquisa. Neste caso, este projeto de pesquisa tem como ponto de referência o interacionismo simbólico e a fenomenologia, portanto o método de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada responsável por registrar os depoimentos dos participantes. As entrevistas foram realizadas a distância, através de gravação em áudio.

Além da entrevista, como já mencionado, foi adotado o questionário como instrumento de coleta de dados complementares e de caracterização do entrevistado e seu ambiente de trabalho.

## 5.3 RESPONSABILIDADE ÉTICA

A necessidade de adotar a ética em pesquisas de abordagem qualitativa não é recente. A seguir se explicitará as considerações de Flick (2009) a respeito da ética em pesquisas qualitativas. De acordo com Flick (2009, p. 51) “os abusos praticados a prisioneiros em pesquisas e experimentos realizados por médicos, durante o período nazista na Alemanha” culminaram na elaboração de um código de ética para pesquisas deste porte. A partir deste código de ética elaborado pelo conselho de pesquisa alemão foram adotadas regras de boa prática profissional a “ser aceitas e implementadas por toda a universidade ou instituto que

solicite recursos para financiamento de pesquisas” (FLICK, 2009, p. 51). Desde então as pesquisas que envolvem seres humanos foram pautadas por “códigos de ética e de instituições de comitês de ética em diversas áreas” (FLICK, 2009, p. 51).

Portanto,

O código de ética visa à regulamentação das relações dos pesquisadores com pessoas e os campos que pretendem estudar e os princípios que norteiam estes códigos garantem que os pesquisadores evitem causar danos aos participantes envolvidos no processo por meio de respeito e da consideração por seus interesses e necessidades.

E exigem que a pesquisa deva estar baseada no consentimento informado, ou seja, no fato de que os participantes do estudo concordam em participar com base na informação fornecida pelos pesquisadores e exigem também que a pesquisa evite prejudicar os participantes, o que inclui não invadir suas privacidades, nem enganá-los quanto aos objetivos da pesquisa (FLICK, 2009, p. 51).

De posse destas informações abordadas por Flick (2009) que trazem a necessidade de adotar a ética em pesquisas que envolvem seres humanos, a responsabilidade ética desta pesquisa adota os dizeres da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) criada em 1996 pelo Conselho Nacional de Saúde. Esta comissão rege a resolução CNS 196/96 que determina que toda pesquisa efetuada com seres humanos deve conter, entre outros componentes, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que ao ser assinado, autoriza o pesquisador a realizar os procedimentos previstos na metodologia. O termo de consentimento livre, portanto será elaborado com base nos dizeres propostos pela resolução do CNS e entregue aos entrevistados no ato da coleta de dados. Ficará a cargo do entrevistado a concordância ou discordância de participar ou não da entrevista se assim desejar.

## 6 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

A técnica de coleta, tratamento e análise de dados utilizada foi a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) tem

Como objeto o pensamento de coletividades e permite iluminar o campo social pesquisado, resgatando nele o universo das diferenças e semelhanças entre as visões dos atores sociais ou sujeitos coletivos que o habitam e visa à identificação e descrição de representações sociais presentes em uma dada formação sociocultural a propósito de um determinado tema que se pesquisa, procura recuperar o semelhante e o diverso próprio das Representações Sociais. (LEFRÈVE; LEFRÈVE, 2012, p. 27-30).

Ainda Para Lefèvre e Lefèvre (2012, p. 17) o DSC

Como técnica consiste em uma série de operações sobre a matéria-prima dos depoimentos individuais ou de outro tipo de material verbal (artigos de jornais, revistas, discussões em grupo etc.), operações que redundam, ao final do processo, em depoimentos coletivos, ou seja, constructos confeccionados com estratos literais do conteúdo mais significativo dos diferentes depoimentos que apresentam sentidos semelhantes.

Complementando o que dizem os criadores da técnica, tem-se que o DSC foi uma técnica desenvolvida na Universidade de São Paulo (USP) onde

O resgate do sentido de opiniões coletivas, que desemboca num ou num conjunto de discursos, é um processo complexo, subdividido em vários momentos, efetuado por meio de uma série de operações realizadas sobre o material verbal coletado nas pesquisas (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006, p. 1 apud MUELLER; BRAGA, 2007, p. 156).

O procedimento metodológico de natureza quali-quantitativa do DSC consiste em

Buscar superar os impasses das pesquisas tradicionais de representação social, recuperando, na escala coletiva – usando para isso procedimentos amostrais e de controle de variáveis que conferem representatividade aos achados - a natureza discursiva e argumentativa do pensamento (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006, p. 1 apud MUELLER; BRAGA, 2007, p. 150).

O DSC trabalha com expressões-chave (ECH), ideias centrais (IC), ancoragem (AC), e por fim elabora-se o discurso do sujeito coletivo. As expressões-chave (ECH), como definem Lefèvre e Lefèvre (2012, p. 73), são “pedaços, trechos, ou segmentos, contínuos ou descontínuos, do discurso, que devem ser selecionados pelo pesquisador e que revelam a essência do conteúdo do depoimento ou discurso, ou da teoria subjacente”. Já as ideias centrais definem Lefevre e Lefevre (2012, p.76) como “um nome ou expressão linguística que revela e descreve da maneira mais sintética e precisa possível o sentido ou os sentidos das ECH de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECHs”. Por fim, a elaboração do discurso do sujeito coletivo consiste para Lefevre e Lefevre (2012, p. 78)

como uma “reunião num só discurso-síntese, redigido na primeira pessoa do singular, de ECH que tem a mesma IC ou AC. As IC semelhantes são reunidas em uma única ideia central ou categoria”.

A escolha do discurso do sujeito coletivo requer a atenção de alguns passos apresentados por Lefèvre e Lefèvre (2012), os quais são:

- Escolher um tema e problemas associados a pesquisas de opinião que mereçam ser pesquisados;
- Escolher adequadamente a base quantitativa, ou seja, os sujeitos a serem entrevistados, para dar sequência a investigação a fim de resolver o problema de pesquisa;
- Refletir que sujeitos ou conjunto de sujeitos o tema, para ser devidamente esclarecido requer com base no referencial teórico, na revisão de literatura e experiências pessoais;
- Levar em consideração as variáveis dos sujeitos selecionados;
- Fazer um levantamento preliminar de hipóteses sobre as relações do sujeito e seus atributos com o problema;
- Escolher um determinado número de participantes para a entrevista;
- Não utilizar como critério o uso da saturação, ou seja, definir os números de participantes no momento da coleta de dados quando as ideias começam a se repetir;
- Definir o “lugar” do campo social;
- Escolher a forma de coleta de depoimentos: se por entrevistas individuais, grupos foco ou entrevistas on-line com o auxílio do software Qlqt.;
- Elaborar um formulário com questões abertas que envolvam o ato de perguntar através da interação face a face apresentado por Berger e Luckmann (2003);
- Selecionar adequadamente as ECH de cada resposta obtida das questões e depurar o discurso de tudo o que é irrelevante, não essencial, secundário do discurso;
- Identificar se o entrevistado tem uma ou mais ideias diferentes sobre o tema ou assunto pesquisado;
- Redigir os depoimentos na primeira pessoa do singular para em seguida construir opiniões coletivas;
- Considerar que as categorias criadas a partir das ideias centrais semelhantes devem responder a pergunta.

- Considerar os atributos quantitativos do DSC: intensidade/força (grau de compartilhamento de uma ideia entre os respondentes) e amplitude (o grau de espalhamento ou difusão de uma ideia no campo pesquisado);

Ao tabular os dados devem se seguir os seguintes passos: a) ler algumas vezes o conjunto das respostas a uma questão; b) ler cada resposta em particular identificando as ECH; c) identificar a ou as ICs de cada resposta; d) analisar todas as ICs buscando agrupar as semelhantes em conjuntos homogêneos ou categorias; e) nomear as categorias do conjunto homogêneos; f) construir o ou os DSCs de cada categoria obtida na etapa; g) para construir um DSC é preciso “discursivar” ou sequenciar as ECH obedecendo a uma esquematização clássica do tipo: começo, meio e fim ou do mais geral para o menor geral e mais particular.

## 7 COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Ao iniciar as entrevistas foi comunicado aos entrevistados sobre o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice C) e enviados aos mesmos. Em seguida, foi encaminhado o questionário a fim de que os mesmos preenchessem e retornassem com as respostas. A informação passada aos entrevistados antes da entrevista foi de que no momento da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido seria preciso que eles confirmassem através da assinatura a concordância com a entrevista. No caso em questão a anuência dos entrevistados com o TCLE foram efetivadas via e-mail.

As entrevistas foram realizadas no mês de setembro de 2014 através do software <sup>1</sup>Skype. A adoção do Skype como ferramenta de pesquisa se deu supondo que os profissionais entrevistados utilizam este tipo de ferramenta no dia-a-dia do seu trabalho. Portanto, o Skype possibilitou efetuar entrevistas online com os profissionais formados em Biblioteconomia. No caso em questão, a anuência dos entrevistados com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi feito via e-mail. A seguir apresenta-se de que forma foi feita a seleção dos participantes da pesquisa.

### 7.1 SELEÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa para seleção dos entrevistados foi realizada em julho do presente ano e iniciou através da busca em sites que trabalhavam com tecnologia de gerenciamento eletrônico de documentos, e a partir destes contatos, foram selecionadas algumas empresas de Florianópolis, em Santa Catarina.

Como resultado de buscas no **Google**<sup>2</sup> obteve-se o site do Michelângelo Mazzardo Marques Viana. Este site relaciona uma lista de empresas que trabalham com software de gerenciamento de bibliotecas. Enviou-se, portanto, e-mails as empresas relacionadas. Em alguns casos existiam empresas que apresentavam em suas páginas na Internet um “fale conosco”. Procurou-se indagar a estas empresas a partir desta forma de comunicação sobre a existência de bibliotecários nestes espaços. Alguns bibliotecários também indicaram

---

<sup>1</sup> O Skype é um software que permite que pessoas façam de graça chamadas de vídeo e voz assim como enviem mensagens de chat e compartilhem arquivos com outras pessoas.

Fonte: <http://www.skype.com/pt-br/what-is-skype/>

<sup>2</sup> Sobre o Google, ver: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/>. Acesso em 29 set. 2014.



profissionais conhecidos que trabalhavam em empresas de tecnologia, outra fonte de seleção imprescindível para a pesquisa.

Com base nesse levantamento, das quatorze empresas contatadas dez retornaram e destas dez, apenas uma não apresentava bibliotecários no seu quadro de pessoal. Dessas dez empresas, apenas cinco bibliotecários aceitaram participar das entrevistas. No que tange ao perfil dos entrevistados, observou-se que:

Através dos dados levantados mediante questionário, pode-se observar que dos cinco entrevistados que aceitaram participar da pesquisa, três eram do sexo feminino, e dois do sexo masculino. A média de idade foi de 36 anos, e os locais de atuação destes profissionais se concentrou nas regiões sul e sudeste.

Com relação à formação complementar à graduação em Biblioteconomia apenas dois candidatos realizaram outros cursos complementares. Com relação ao tempo de duração no local de atuação este variava de 3 a 15 anos.

## 7.2 AS ENTREVISTAS

Nesta parte da pesquisa são expostos os procedimentos metodológicos adotados através da coleta de discursos mediante a entrevista, que foram realizadas a distancia nos dias 17, 18, 19 e 23/09/2014. Todas as entrevistas foram agendadas com antecedência através de comunicações via e-mail. Os entrevistados serão identificados por E1, E2, E3... De acordo com a sequência das entrevistas.

Com relação à realização das entrevistas a distância uma das maiores dificuldades encontradas foi o fato de a entrevista em si ser uma novidade para mim, uma situação nova em que tive que aprender a realizar chamadas por vídeo no Skype, assim como ao começar a entrevista ter que operar o gravador e buscar o roteiro de entrevista no Word. Outras dificuldades encontradas foram problemas de comunicação via e-mail, problemas de “agenda” dos candidatos, ou seja, se confirmava um dia, mas aí a entrevista não acontecia e tinha que novamente combinar outro dia para a realização das mesmas com os candidatos que aceitaram participar.

## 8 O DSC FINAL : INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO

Para construir o DSC final foram incluídos conectivos (expressões que estão sublinhadas) que permitiram a ligação entre as partes do discurso ou parágrafos a fim de que seja possível a coesão do discurso.

Nesta seção apresenta-se a soma dos discursos coletados, o resultado da construção do discurso do sujeito coletivo dos bibliotecários atuantes em empresas de tecnologia. Portanto, segue o discurso referente ao pensamento que os entrevistados expressam sobre as contribuições da sua formação para sua atuação em empresas de tecnologia:

*Tive o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário porque eu sempre gostei muito de tecnologia, sempre foi uma área em que eu tive muito interesse. Quando eu estava ainda na faculdade [...] era a época que estava [...] nascendo mais fortemente a informática [...] começando os sistemas de controle de bibliotecas. Eu fui para fazer vestibular, [...] aí quando eu fui para fazer vestibular [...] eu descobri a biblioteconomia. Aí me arrisquei, fiz vestibular tanto para jornalismo na Federal, tanto para Biblioteconomia [...]. Passei em Biblioteconomia [...] e fui olhar direitinho a grade, fui acompanhando e eu adorei quando vi que tinha tecnologia. Então eu comecei a me envolver com a Internet já nos primórdios da Internet comercial no Brasil, [...] eu peguei o comecinho dela e fui pegando a evolução e na verdade muito como usuário no começo e depois comecei a mexer. E eu achei que era uma área interessante para trabalhar, daí eu comecei a me envolver com sistemas. Eu acabei pela minha experiência profissional [...] trabalhando muito com sistemas, ajudando analista a desenvolver sistemas [...]. Na verdade eu já trabalho com a área de tecnologia desde a época do segundo grau. Eu tenho uma visão de tecnologia para nossa área, assim, como um meio não como um fim [...], um instrumento que a gente usa para fazer o nosso trabalho e de forma alguma a tecnologia vai tirar o lugar do profissional [...]. A biblioteca lida com tecnologia. Você gerencia a biblioteca como se você estivesse gerenciando um computador teoricamente no modelo clássico [...] Mas para mim, a minha visão é que a tecnologia é só um meio, tá? É uma ferramenta, é um meio. No meu ambiente de atuação, considero que minha formação em Biblioteconomia foi bem importante. O que a biblioteconomia me deu foi é uma espécie de sociedade. Ela criou, ela me permitiu mais fazer parte de uma comunidade de profissionais [...] ela me deixou esse legado para o que é da comunidade, [...] de eu conhecer as sociedades da Biblioteconomia. O que o curso me ensinou não tem haver necessariamente com a Biblioteconomia em si, mas justamente com [...] esse espírito da academia [...] de você estudar, de você pesquisar [...] essa cultura da pesquisa [...] cultura de você pesquisar as referências, buscar as fontes para os usuários [...]. Na medida em que eu trabalho com sistema de biblioteca, é totalmente interligado com a minha atuação [...]. A gente teve a disciplina de informática documentária [...]. Uma das matérias que o professor deu [...] desenho de processos. Aí ele ensinou um pouco de BPMN que é o Business Process Manager, e aí com esta notação [...] eu fui aprendendo e aí surgiu esta oportunidade [...] para eu trabalhar com isso, [...] desenho de processos. Se eu não fosse bibliotecária, eu estaria vendo o sistema de uma forma completamente diferente, o meu trabalho é justamente nessa questão de ligar a tecnologia a nossa prática no dia-a-dia da biblioteca [...]. A gente teve [no local] algumas disciplinas de tecnologia que quando o pessoal está comentando sobre determinado assunto, eu [...] não fico completamente leiga, [...] eu consigo captar o assunto daquilo que eles estão falando [...]. A formação em Biblioteconomia contribuiu em fazer esta transição entre os termos técnicos. Eu posso*

conversar com o pessoal da tecnologia da informação, me entender relativamente bem com eles em alguns aspectos e conseguir passar isso [...] de uma forma mais simples para as pessoas que não são da área. Eu acho que a formação hoje no Brasil [...] deixa um pouco a desejar na tecnologia. [...] acho que falta gente capacitada na nossa área para tratar de metadados, para falar de migração, [...] para falar de tecnologia. O que eu vi até hoje poucos docentes com conhecimentos e experiência na área de automação com capacidade para este tipo de disciplina. [...] já [...] na parte técnica, a formação em Biblioteconomia contribui na parte de organizar a informação. No meu ambiente de trabalho Eu desenvolvo só essa parte de sistema, [...]. Então na verdade o que eu faço: eu faço adequação do sistema ao uso da biblioteca [...], nós temos o sistema, eu represento esta empresa, [...] que vende sistema de automação para bibliotecas e daí nós temos uma instituição que adquire o sistema e ela vai precisar de uma série de configurações, de adequações do sistema para uso adequado da biblioteca [...]. Então, eu ensino a usar, eu dou treinamento, eu esclareço dúvidas, eu faço parametrizações, para ficar mais adequado ao trabalho que a biblioteca precisa fazer [...]. Atualmente eu estou com duas funções, uma que é analista de processo, como consultora de Saping, [...]. E aí como que funciona: o cliente liga né, abre um Sputing, onde coloca as suas informações, do problema que ele está tendo dentro do Saping. [...], que é um Sistema de Gerenciamento de Gestão de Empresas. Através destes incidentes que a gente faz a gestão do trabalho, com reporte de solução, [...], de correção, a gente vai corrigindo a mão. Aí a parte de desenhista de processos como que entra: quando alguns desses incidentes começa a ficar muito tempo lá na nossa mão, a gente tem que entender o porquê aí vira gestão de problema [...], a gente vai atrás da causa raiz disso, aí que entra também o desenho de processos, que aí a gente vai e desenha tudo aquilo que é feito para chegar naquele incidente.[...]. Eu tenho uma atividade muito multifuncional na empresa porque eu faço [...] trabalho com o analista [...], eu consigo entender a lógica da programação, funcionamento de sistemas. O [...] que o sistema tem que ter de acordo com o que eu vejo em congresso [...] Brasil e fora do Brasil, toda parte de metadados, tendências tecnológicas, eu ajudo a estabelecer a linha de [...] evolução do software, [...] eu também ajudo [...] o suporte da empresa [...] a traduzir um pouco o que o bibliotecário está falando para o analista de suporte [...], eu também faço muito apresentação de sistema [...]. Basicamente isso, e toda a parte de documentação do sistema sou eu que faço também, [...]. Então eu tenho uma série de atividades, eu dou, faço consultoria, eu dou curso, eu dou palestra, [...] atuo em muitas frentes na empresa, [...]. Mas o meu trabalho é uma série de atividades, [...] a gente trabalha, a gente acaba definindo tudo muito em conjunto. Eu mexo muito mais com atendimento do que com a parte técnica. Então eu faço muito mais [...] o suporte, vendas, né, o pós-venda, [...]. Então eu cuido hoje muito mais da parte de vendas, da parte de periódicos em nuvens, [...] para revistas científicas [...]. A elaboração desse produto periódicos [...] não tem nenhuma empresa que oferecia nada parecido. Toda aquela elaboração desde a parte técnica, como que iria funcionar cada detalhe de software mesmo, de sistema, [...] onde que iria ficar o servidor, etc., até a parte do [...] que era importante para o público. Eu faço de tudo um pouco. Como é uma empresa pequena, e eu sou [...] o sócio administrador, eu faço desde a parte de contabilidade, emitir nota fiscal, [...] até atender cliente, até planejar serviço, até colocar site no ar, até planejar [...] projeto, [...], fazer curso para treinar as pessoas, [...]. No meu trabalho com as tecnologias eu vi ao longo do tempo muita resistência do bibliotecário em... Não é bem uma resistência, uma dificuldade em geral, eu vejo muita dificuldade do bibliotecário em se comunicar adequadamente com o pessoal de informática, [...]. Ao longo do meu trabalho eu percebi isso muitas vezes a ponto de às vezes a biblioteca, por exemplo, me chamar para uma reunião com o pessoal da informática para ajudar justamente neste meio de campo da biblioteca conseguir explicar para o pessoal da informática o que precisava e o pessoal da informática conseguir

responder para biblioteca sobre o que a biblioteca estava precisando. No meu trabalho [...], a gente utiliza [...] o Saping, [...], que é este sistema de gestão [...] de empresas [...]. É um sistema [...] gigantesco, [...] absurdo de gigante. Aí a gente lida muito com isso, a gente tem um outro sistema que é o mentor que é este Sistema de Gestão de Incidentes[...] e [...] a gente tem uma outra ferramenta que é dentro do Saping também que é o Solucion Manager que a gente utiliza para quando precisa entrar em contato com outra equipe para enviar mensagem para esta equipe executar o seu trabalho. Olha, [...] eu sou de uma época [...] me formei há bastante tempo. Quando eu me formei não existia o Windows, não existia Internet para o público. É lógico que eu não trabalhei só com sistema, [...] eu já fui também bibliotecária [...] tradicional, [...] mais a minha vertente sempre foi muito tecnológica, desenvolvendo sistema, metendo a fazer sistema com analista desde 1995, [...] isso quando aqui no Brasil a gente falava de sistema era o Winisis, [...]. Então eu acompanho muito o que acontece fora, muito assim, eu sou filiada a ALA, participo dos congressos, tenho a literatura, faço curso. Eu comecei já adolescente, meu pai é professor aposentado da [universidade] na área de computação, né? Então eu acabei tendo computador em casa desde criança. E em seguida na metade da década de 90 eu passei a ter Internet em casa em uma época que não existia Internet disponível no Brasil praticamente só existia na Universidade, em grandes instituições e raríssimos casos as pessoas tinham em casa. Eu participei [...] de um projeto que botou rede na praça pública [...], então minha vivência foi muito é como filho de um professor que estava envolvido em vários projetos de levar a Internet uma novidade total [...] para as pessoas [...] comuns. Porque na época estava sendo usado muito para pesquisa [...] e [...] quem estava começando a ter mais é quem tinha um alto poder aquisitivo, [...]. Tinha a questão de na época não existia rede sociais [...] Como hoje [...]. Não tinha facebook nem sequer Orkut a gente meio que criou uma rede social eu não participei da criação, [...], mas eu utilizei em termos de grupos. Daí depois eu fui aprendendo umas coisas mais técnicas [...], convivi com pessoas com muito conhecimento em algumas áreas e eu acabei [...] com isso pegando conhecimento diverso na área de rede, sistemas, [...] fazer página, crio coisas também [...]. [...] fui [...] aprendendo várias coisas mais técnicas mesmo que depois foram me ajudando [...] durante o curso de Biblioteconomia, [...] fiquei participando de vários projetos de desenvolvimento de sistemas, fui trabalhar meio período como administrador de rede, então eu mexi com a parte mais de rede mesmo, [...]. Minha vivência com as tecnologias [...] é de longa data [...]. Eu sempre quis ter um computador, [...] e no final da adolescência eu consegui ter um computador em casa e aí eu comecei a trabalhar no meu primeiro emprego eu coloquei Internet em casa. Em 1996, 1995 para 1996. Então aí com a Internet, lista de discussão que eu comecei a me interessar essa parte do digital. Até quando eu entrei no curso de Biblioteconomia eu já entrei já com uma visão Já tinha trabalhado em empresa, já tinha feito site na net, já tinha trabalhado com uso da tecnologia da informação dentro de um contexto de grande empresa.

## 8.1 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DO DSC OBTIDO

Buscou-se através da pesquisa investigar as percepções dos bibliotecários participantes sobre as contribuições da sua formação em Biblioteconomia para o desenvolvimento de suas atividades em empresas de tecnologia.

### 8. 1.2 Fala livre sobre o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário

Encontrou-se primeiramente no DSC dos bibliotecários que trabalham em empresas de tecnologia de que forma se deu o despertar com tecnologia fica evidente o gosto pela tecnologia, em se trabalhar nessa área de atuação através deste trecho do DSC:

***Tive o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário porque eu sempre gostei muito de tecnologia, sempre foi uma área em que eu tive muito interesse.***

Evidencia-se neste trecho do DSC que o gosto, o interesse pela área levaram ao trabalho com tecnologia o que revela a disposição para o exercício com este tipo de trabalho assim como pressupõe um bibliotecário diferente, não distanciado das tecnologias, que não têm dificuldade de aceitar ou até mesmo rejeitar algo novo que surge que foge da sua rotina (RODRIGUES, 2014, p. 8). Morigi e Silva (2005) complementam ao dizerem que o contexto da sociedade da informação ao trazer desafios, dilemas e tensões a profissão redefine papéis criando um novo perfil profissional, ou seja, de acordo com Morigi e Silva (2005), “Esse profissional deixou de ser o guardião da memória impressa para se tornar disseminador da informação e agente do conhecimento”.

Outro despertar com a tecnologia é resgatada na fala do sujeito coletivo neste trecho:

***Quando eu estava ainda na faculdade [...] era a época que estava [...] nascendo mais fortemente a informática [...]começando os sistemas de controle de bibliotecas.***

Fica evidente no trecho do DSC acima, o nascimento forte da informática e os sistemas de controle de bibliotecas como propulsores do “casamento” com a área da tecnologia. Deve-se salientar, portanto o que representou a introdução da informática a partir da década de 60 tanto para a Biblioteconomia quanto ao profissional bibliotecário. Segundo Corrêa (2001) para a Biblioteconomia o trabalho técnico passa a ser feito de forma coletiva, em rede. Já para o Bibliotecário, este passa a trabalhar com a informação de várias formas.

Outro trecho do DSC revela a ideia da escolha da Biblioteconomia e o “olhar” mais atento com relação à inserção de disciplinas de tecnologia no curso:

***Eu fui para fazer vestibular, [...] aí quando eu fui para fazer vestibular [...] eu descobri a biblioteconomia. Aí me arrisquei, fiz vestibular tanto para jornalismo na Federal, tanto para Biblioteconomia [...]. Passei em Biblioteconomia [...] e fui olhar direitinho a grade, fui acompanhando e eu adorei quando vi que tinha tecnologia.***

Salienta-se a partir deste trecho do DSC a importância da introdução da área da tecnologia da informação, fato apresentado na subseção 2.3, no curso de Biblioteconomia ser consolidada como um núcleo do conhecimento a partir da Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação - ABEBD, em 1996 que objetivou a harmonização curricular definida a fim de facilitar a mobilidade de profissionais em todos os níveis de

formação pelos diversos países componentes do bloco (SANTOS, 1998). O que mostra os esforços da área em preparar adequadamente seus egressos no que diz respeito a determinadas áreas de atuação. A relevância dos principais núcleos do conhecimento “contribuíram para amoldar o pensamento para essas áreas de todos que não tinham uma ideia mais clara sobre a profissão de bibliotecário” (SOUZA, 2011, p. 210).

Outro trecho do DSC mostra de que forma a tecnologia despertou para o trabalho com sistemas:

***Então eu comecei a me envolver com a Internet já nos primórdios da Internet comercial no Brasil, [...] eu peguei o comecinho dela e fui pegando a evolução e na verdade muito como usuário no começo e depois comecei a mexer. E eu achei que era uma área interessante para trabalhar, daí eu comecei a me envolver com sistemas. Eu acabei pela minha experiência profissional [...] trabalhando muito com sistemas, ajudando analista a desenvolver sistemas [...].***

Neste DSC é apresentado a forma que se deu o resgatado o seu envolvimento com as tecnologias: a partir do advento da Internet e de que forma o profissional procurou trabalhar com a tecnologia. Acerca desta questão Baptista e Mueller (2005) afirmam que a Internet acarretou novas formas de disponibilização de serviços de informação prestados, fortaleceu a entrada no mercado de profissionais da informação com diversas formações, e o trabalho autônomo (BAPTISTA; MUELLER, 2005).

Neste outro trecho do DSC outras considerações são feitas acerca do despertar com tecnologia por parte desses profissionais:

***Na verdade eu já trabalho com a área de tecnologia desde a época do segundo grau. Eu tenho uma visão de tecnologia para nossa área, assim, como um meio não como um fim [...], um instrumento que a gente usa para fazer o nosso trabalho e de forma alguma a tecnologia vai tirar o lugar do profissional [...]. A biblioteca lida com tecnologia. Você gerencia a biblioteca como se você estivesse gerenciando um computador teoricamente no modelo clássico [...]***

Considera-se, portanto no trecho do DSC acima a relação da tecnologia com a faculdade assim como o entendimento de que as tecnologias são um meio, ou seja, “ferramentas” que precisam ser mediadas por humanos. De acordo com Silva (2014, p.3) as tecnologias desenvolveram novas formas de atuação ao bibliotecário, porém “ele deve aprender a usá-las a seu favor, fazendo com que elas sejam suas grandes aliadas no dia a dia da sua profissão”.

### 8.1.3 Percepções sobre as contribuições acerca da sua formação em Biblioteconomia para o seu ambiente de atuação

Passa-se agora a tratar das contribuições da Biblioteconomia para a área de atuação dos profissionais atuantes na área. A respeito da formação em Biblioteconomia Corrêa (2001, p.8) diz que:

A formação de um profissional normalmente é resultado de um processo de aprendizado que, em regra geral, começa de maneira teórica e vai aos poucos somando teoria e prática, seja através dos estágios curriculares obrigatórios nos cursos de graduação, seja através de um trabalho até então exercido de maneira mais leiga do que técnica.

Segue a interpretação do trecho do DSC abaixo:

***No meu ambiente de atuação, considero que minha formação em Biblioteconomia foi bem importante. O que a biblioteconomia me deu foi é uma espécie de sociedade. Ela criou, ela me permitiu mais fazer parte de uma comunidade de profissionais [...] ela me deixou esse legado para o que é da comunidade, [...] de eu conhecer as sociedades da Biblioteconomia.***

Neste trecho do DSC é mencionado sobre o legado da comunidade de Biblioteconomia, ou seja, a oportunidade de fazer parte de uma comunidade de profissionais, as sociedades da Biblioteconomia. Uma comunidade de profissionais com os mesmos interesses, que se identificam a partir das necessidades impostas à profissão.

Já no trecho do DSC abaixo são apresentadas outras contribuições adquiridas durante a formação em Biblioteconomia, dentre as quais a “cultura da pesquisa”. Assim como levantado a revisão de literatura, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) uma das atividades ligadas ao profissional relaciona-se ao desenvolvimento de estudos e pesquisas, o que ressalta importância da contribuição da formação neste sentido.

***O que o curso me ensinou não tem haver necessariamente com a Biblioteconomia em si, mas justamente com [...] esse espírito da academia [...] de você estudar, de você pesquisar [...] essa cultura da pesquisa [...] cultura de você pesquisar as referências, buscar as fontes para os usuários [...].***

Outras contribuições percebidas acerca da sua formação para seu trabalho com as tecnologias foi a relevância de disciplinas de informática para a sua atuação com o BPMN - Business Process Management. Outra contribuição percebida acerca da sua formação para o seu trabalho na área da tecnologia diz respeito ao um outro “olhar” para a tecnologia, quando é mencionado: “Se eu não fosse bibliotecária, eu estaria vendo o sistema de uma forma completamente diferente”. Posteriormente é assinalado que a partir do conhecimento de algumas disciplinas de tecnologia permitiu a sua integração com profissionais de outras áreas de atuação.

*Na medida em que eu trabalho com sistema de biblioteca, é totalmente interligado com a minha atuação [...]. A gente teve a disciplina de informática documentária [...]. Uma das matérias que o professor deu [...] desenho de processos. Aí ele ensinou um pouco de BPMN que é o Business Process Management, e aí com esta notação [...] eu fui aprendendo e aí surgiu esta oportunidade [...] para eu trabalhar com isso, [...] desenho de processos. Se eu não fosse bibliotecária, eu estaria vendo o sistema de uma forma completamente diferente, o meu trabalho é justamente nessa questão de ligar a tecnologia a nossa prática no dia-a-dia da biblioteca [...]. A gente teve [no local] algumas disciplinas de tecnologia que quando o pessoal está comentando sobre determinado assunto, eu [...] não fico completamente leiga, [...] eu consigo captar o assunto daquilo que eles estão falando [...].*

Já em outro trecho do DSC que está abaixo a contribuição percebida acerca da formação diz respeito à transição entre os termos técnicos:

*A formação em Biblioteconomia contribuiu em fazer esta transição entre os termos técnicos. Eu posso conversar com o pessoal da tecnologia da informação, me entender relativamente bem com eles em alguns aspectos e conseguir passar isso [...] de uma forma mais simples para as pessoas que não são da área.*

A simplificação dos termos técnicos para as pessoas que não são da área denota um aspecto interessante do trabalho do bibliotecário: a necessidade de se comunicar eficientemente com “pessoas comuns”, pessoas que não dominam determinados assuntos, o que remete a importância da comunicação no seu ambiente de atuação. Mello e Costa (2014) acerca desta questão ressaltam a comunicação como um fator crítico de sucesso para as relações humanas. “Fundamental para excelência na qualidade dos serviços oferecidos” (MELLO; COSTA, 2014, p. 9).

*Eu acho que a formação hoje no Brasil [...] deixa um pouco a desejar na tecnologia. [...] acho que falta gente capacitada na nossa área para tratar de metadados, para falar de migração, [...] para falar de tecnologia. O que eu vi até hoje poucos docentes com conhecimentos e experiência na área de automação com capacidade para este tipo de disciplina. [...]*

No trecho do DSC acima é tecida uma reflexão crítica acerca do ensino de Biblioteconomia de duas formas: diretamente quando é mencionado que a “*formação hoje no Brasil [...] deixa um pouco a desejar na tecnologia*”, e indiretamente quando é avaliado as lacunas apresentadas no ensino de Biblioteconomia voltado para área da tecnologia.

No DSC abaixo a parte técnica, a parte de organizar a informação foi outra contribuição percebida muito em função do caráter tecnicista do curso de Biblioteconomia:

*Já [...] na parte técnica, a formação em Biblioteconomia contribuiu na parte de organizar a informação.*



#### 8.1.4 Atividades desenvolvidas no ambiente de trabalho

Passa-se agora a tratar das atividades que esses bibliotecários desenvolvem nos seus ambientes de trabalho:

*No meu ambiente de trabalho **Eu desenvolvo só essa parte de sistema, [...]. Então na verdade o que eu faço: eu faço adequação do sistema ao uso da biblioteca [...], nós temos o sistema, eu represento esta empresa, [...]** que vende sistema de automação para bibliotecas e daí nós temos uma instituição que adquire o sistema e ela vai precisar de uma série de configurações, de adequações do sistema para uso adequado da biblioteca [...]. Então, eu ensino a usar, eu dou treinamento, eu esclareço dúvidas, eu faço parametrizações, para ficar mais adequado ao trabalho que a biblioteca precisa fazer [...]. **Atualmente eu estou com duas funções, uma que é analista de processo, como consultora de Saping, [...]. E aí como que funciona: o cliente liga né, abre um Saping, onde coloca as suas informações, do problema que ele está tendo dentro do Saping. [...], que é um Sistema de Gerenciamento de Gestão de Empresas. Através destes incidentes que a gente faz a gestão do trabalho, com reporte de solução, [...], de correção, a gente vai corrigindo a mão. **Aí a parte de desenhista de processos como que entra: quando alguns desses incidentes começa a ficar muito tempo lá na nossa mão, a gente tem que entender o porquê aí vira gestão de problema[...], a gente vai atrás da causa raiz disso, aí que entra também o desenho de processos, que aí a gente vai e desenha tudo aquilo que é feito para chegar naquele incidente.[...]. **Eu tenho uma atividade muito multifuncional na empresa porque eu faço [...]** trabalho com o analista [...], eu consigo entender a lógica da programação, funcionamento de sistemas. O [...] que o sistema tem que ter de acordo com o que eu vejo em congresso [...] Brasil e fora do Brasil, toda parte de metadados, tendências tecnológicas, eu ajudo a estabelecer a linha de [...] evolução do software, [...] **eu também ajudo [...] o suporte da empresa [...]** a traduzir um pouco o que o bibliotecário está falando para o analista de suporte [...], **eu também faço muito apresentação de sistema [...]. Basicamente isso, e toda a parte de documentação do sistema sou eu que faço também, [...]. Então eu tenho uma série de atividades, eu dou, faço consultoria, eu dou curso, eu dou palestra, [...]** atuo em muitas frentes na empresa, [...]. Mas o meu trabalho é uma série de atividades, [...] a gente trabalha, a gente acaba definindo tudo muito em conjunto. **Eu mexo muito mais com atendimento do que com a parte técnica. Então eu faço muito mais [...] o suporte, vendas, né, o pós-venda, [...]. Então eu cuido hoje muito mais da parte de vendas, da parte de periódicos em nuvens, [...]** para revistas científicas [...]. A elaboração desse produto periódicos [...] não tem nenhuma empresa que oferecia nada parecido. Toda aquela elaboração desde a parte técnica, como que iria funcionar cada detalhe de software mesmo, de sistema, [...] onde que iria ficar o servidor, etc., até a parte do [...] que era importante para o público. **Eu faço de tudo um pouco. Como é uma empresa pequena, e eu sou [...] o sócio administrador, eu faço desde a parte de contabilidade, emitir nota fiscal, [...]** até atender cliente, até planejar serviço, até colocar site no ar, até planejar [...] projeto, [...], fazer curso para treinar as pessoas, [...].*****

O trabalho com sistemas, mencionado no início do DSC define o bibliotecário de sistemas. O bibliotecário de sistemas resulta em um profissional “que trabalha com o gerenciamento de sistemas de uma biblioteca. Um dos maiores responsáveis pelo acesso à informação aos usuários” (SILVA, 2005). Dentre os atributos necessários para o desenvolvimento do senso crítico do seu trabalho que envolve a elaboração e indexação de

termos pesquisados pelos usuários da biblioteca são: atributos de cultura geral, manter contato com profissionais ou técnicos que utilizem o acervo da biblioteca ou unidade de informação, ter conhecimentos de microinformática, banco de dados, sistemas operacionais, programação, lógica de programação, linguagens de programação, busca de novas tecnologias, ter conhecimentos de novas tecnologias nas áreas de catalogação (SILVA, 2005, p.29).

Outros tipos de trabalho é mencionado no DSC: o trabalho como analista de processos e desenhista de processos, trabalho que envolve atividades ligadas ao gerenciamento de informações através de um sistema, o Sistema de Gerenciamento de Gestão de Empresas. Conforme levantado na revisão de literatura esta atividade liga-se ao gerenciamento da informação abordado por Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005).

Outros trabalhos mencionados ligam-se as atividades multifuncionais o que confere ao profissional um caráter moderno, um profissional caracterizado por Reis (2004) como um profissional autônomo e multifacetado.

#### 8.1.5 Fala livre sobre as vivências ao longo da vida com as TIC

***No meu trabalho com as tecnologias eu vi ao longo do tempo muita resistência do bibliotecário em... Não é bem uma resistência, uma dificuldade em geral, eu vejo muita dificuldade do bibliotecário em se comunicar adequadamente com o pessoal de informática, [...]. Ao longo do meu trabalho eu percebi isso muitas vezes a ponto de às vezes a biblioteca, por exemplo, me chamar para uma reunião com o pessoal da informática para ajudar justamente neste meio de campo da biblioteca conseguir explicar para o pessoal da informática o que precisava e o pessoal da informática conseguir responder para biblioteca sobre o que a biblioteca estava precisando.***

Com relação à vivência no trabalho com as tecnologias é mencionado sobre a vivência em fazer o meio de campo entre comunicar as necessidades da biblioteca ao pessoal da informática a fim de os mesmos conseguirem responder de forma adequada sobre o que a biblioteca precisa. Um dos problemas muito difundidos na era da informação é a relação ente os bibliotecários e os profissionais da tecnologia da informação, pois com a evolução das tecnologias nas bibliotecas “faz-se necessária a formação de equipes de trabalho multidisciplinares, integradas, pelo menos, por profissionais da informação e profissionais de tecnologia da informação” (COSTA et. al., 2012, p. 2). Brittain (1985) ao abordar o uso de computadores na biblioteca discorre acerca da falta de um diálogo satisfatório entre os bibliotecários com os cientistas de computadores, principalmente, durante os períodos da especificação do projeto. A solução apresentada pelo autor é a realização de um o treinamento que envolva cientistas e engenheiros em computação. Já Souza (1991) questiona a atitude do bibliotecário perante a sua atuação com profissionais de outras áreas. Para ele o bibliotecário

“para poder, deve-se começar por saber e só se pode saber sob a condição de, num primeiro momento, libertar-se da obsessão do poder” (SOUZA, 1991, p. 136). Souza (1991) recomenda ainda que este profissional deverá postar-se numa atitude de cooperação e aprendizado diferente da submissão ao analista de sistemas.

No trecho do DSC abaixo é mencionado a vivência no ambiente de trabalho com sistemas:

**No meu trabalho [...], a gente utiliza [...] o Saping, [...], que é este sistema de gestão [...] de empresas [...]. É um sistema [...] gigantesco, [...] absurdo de gigante. Aí a gente lida muito com isso, a gente tem um outro sistema que é o mentor que é este Sistema de Gestão de Incidentes[...] e [...] a gente tem uma outra ferramenta que é dentro do Saping também que é o Solucion Manager que a gente utiliza para quando precisa entrar em contato com outra equipe para enviar mensagem para esta equipe executar o seu trabalho.**

Já neste outro trecho do DSC abaixo outros pontos são identificados relativos as vivências com as TIC:

**Olha, [...] eu sou de uma época [...] me formei há bastante tempo. Quando eu me formei não existia o Windows, não existia Internet para o público. É lógico que eu não trabalhei só com sistema, [...] eu já fui também bibliotecária [...] tradicional, [...] mais a minha vertente sempre foi muito tecnológica, desenvolvendo sistema, metendo a fazer sistema com analista desde 1995, [...] isso quando aqui no Brasil a gente falava de sistema era o Winisis, [...]. Então eu acompanho muito o que acontece fora, muito assim, eu sou filiada a ALA, participo dos congressos, tenho a literatura, faço curso.**

Abaixo o trecho do DSC apresenta de que forma aconteceu a trajetória com as tecnologias: indo desde a época do início da Internet comercial no Brasil, até a necessidade de ter um computador, do interesse pela parte digital, do envolvimento com projetos sociais envolvendo a Internet, do aprendizado com as técnicas, a convivência com pessoas de algumas áreas, do envolvimento constante com sistemas, com trabalho com redes, assim como do trabalhado com uso da tecnologia da informação dentro de uma grande empresa.

*Eu comecei já adolescente, meu pai é professor aposentado da [universidade] na área de computação, né? Então eu acabei tendo computador em casa desde criança. E em seguida na metade da década de 90 eu passei a ter Internet em casa em uma época que não existia Internet disponível no Brasil praticamente só existia na Universidade, em grandes instituições e raríssimos casos as pessoas tinham em casa. Eu participei [...] de um projeto que botou rede na praça pública [...], então minha vivência foi muito é como filho de um professor que estava envolvido em vários projetos de levar a Internet uma novidade total [...] para as pessoas [...] comuns. Porque na época estava sendo usado muito para pesquisa [...] e [...] quem estava começando a ter mais é quem tinha um alto poder aquisitivo, [...]. Tinha a questão de na época não existia rede sociais [...] Como hoje [...]. Não tinha facebook nem sequer Orkut a gente meio que criou uma rede social eu não participei da criação, [...], mas eu utilizei em termos de grupos. Daí depois eu fui aprendendo umas coisas mais técnicas [...], convivi com pessoas com muito conhecimento em algumas áreas e eu acabei [...] com isso*

*pegando conhecimento diverso na área de rede, sistemas, [...] fazer página, crio coisas também [...]. [...] fui [...] aprendendo várias coisas mais técnicas mesmo que depois foram me ajudando [...] durante o curso de Biblioteconomia, [...] fiquei participando de vários projetos de desenvolvimento de sistemas, fui trabalhar meio período como administrador de rede, então eu mexi com a parte mais de rede mesmo, [...]. Minha vivência com as tecnologias [...] é de longa data [...]. Eu sempre quis ter um computador, [...] e no final da adolescência eu consegui ter um computador em casa e aí eu comecei a trabalhar no meu primeiro emprego eu coloquei Internet em casa. Em 1996, 1995 para 1996. Então aí com a Internet, lista de discussão que eu comecei a me interessar essa parte do digital. Até quando eu entrei no curso de Biblioteconomia eu já entrei já com uma visão Já tinha trabalhado em empresa, já tinha feito site na net, já tinha trabalhado com uso da tecnologia da informação dentro de um contexto de grande empresa.*

A metodologia do discurso do sujeito coletivo permitiu analisar as repostas dos profissionais atuantes na área de tecnologia. O discurso do sujeito coletivo revelou de que forma estes profissionais se interessaram por esta área de atuação, de que forma percebem as contribuições da formação em Biblioteconomia para o desenvolvimento de suas atividades, de que forma exercem as suas atividades na área. O discurso revelou também as dificuldades enfrentadas, e de que forma se iniciou o envolvimento com as novas TIC. As respostas analisadas tiveram a contribuição de algumas fontes de informação relevantes para as questões levantadas no roteiro de entrevista.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar as percepções de profissionais formados em Biblioteconomia sobre a contribuição desta formação para o desempenho de suas atividades em empresas de tecnologia. Para tanto foram definidos alguns objetivos a fim de responder a questão de pesquisa, os quais foram: resgatar informações sobre o despertar do trabalho com tecnologia por parte destes profissionais, investigar as contribuições percebidas pelos profissionais acerca da sua formação e escolha de atuação, resgatar informações sobre as atividades desenvolvidas em seus ambientes de trabalho e levantar dados sobre a vivência dos entrevistados com as novas TIC.

Pode-se dizer que a imagem do bibliotecário atrelada ao trabalho de “guardião da informação” deixou de ser uma realidade. A evolução tecnológica na Biblioteconomia permitiu ao bibliotecário novos desafios, assim como uma preparação mais condizente com a sociedade em que ele se encontra: a sociedade da informação.

O ensino de Biblioteconomia ao reestruturar seu currículo a partir da inclusão da área da tecnologia da informação possibilitou com isso: novas formas de trabalhar a informação, o objeto de trabalho do profissional. Muito se tem tratado na literatura acerca do novo perfil profissional do bibliotecário desde então. Procurou-se apresentar através de Castro (2000) as atitudes desejadas ao moderno profissional da informação (MIP).

Procurou-se também abordar de que forma o desenvolvimento tecnológico remodelou os serviços da biblioteca redefinindo também o trabalho do profissional. A fase tecnológica, fase comentada no início do trabalho desde então permeia tanto as atividades da biblioteca quanto a atuação do profissional. Portanto, tendo em vista o caráter moderno que adquiriu a profissão, a literatura denomina atualmente o profissional por muitas das vezes como o profissional da informação a partir da década de 90, data do início do advento da informática assunto também abordado na revisão de literatura.

Procurou-se abordar, portanto de que forma a formação em biblioteconomia contribuiu para a atuação nos novos “nichos de mercado”. De maneira geral, ao ouvir os entrevistados percebeu-se sob a ótica da Biblioteconomia que o profissional em alguns aspectos se viu mais preparado em atuar na área tecnológica: pode interagir com profissionais de outras áreas e também com pessoas comuns, ou seja, pessoas que não são da área da tecnologia da informação. Outras competências foram adquiridas durante o curso, o que não deixou de ser relevante tendo em vista as várias competências exigidas para este profissional. Pode-se

conhecer também de que forma os profissionais do escopo da pesquisa atuam no mercado de trabalho, de forma diversificada o que vem a comprovar um novo perfil profissional.

De maneira específica, o discurso do sujeito coletivo revelou de que forma se deu a escolha pela Biblioteconomia: a partir da oferta de disciplinas de tecnologia.

Outro ponto que chamou atenção no DSC foi a respeito de que a tecnologia sempre foi uma área de interesse para os profissionais e alguns fatos foram primordiais para o prosseguimento na carreira como o crescimento da informática, a evolução das tecnologias voltada para as bibliotecas.

As atividades desenvolvidas são diversificadas o que confere ao profissional um caráter moderno como já abordado ao longo do trabalho.

Nas suas vivências com as TIC os profissionais resgataram de que forma as tecnologias fizeram e fazem parte do seu ambiente de trabalho. Uns resgataram a parte do convívio com as TIC no ambiente de trabalho, outros puderam resgatar os conflitos presentes que prescindem a partir da formação de equipes multidisciplinares. Pode-se entender também de que forma as vivências com as TIC direcionou o trabalho posterior com as mesmas. Pode ser resgatado também de que forma as TIC fizeram parte da trajetória da vida pessoal e profissional.

Na fala livre foi tocado num ponto interessante: a importância da realização de estágios durante a graduação no sentido de contribuir para a experiência profissional assim como direcionar sua atuação profissional. Constatou-se também a educação continuada por parte de alguns entrevistados, um importante fator de desenvolvimento profissional.

Conclui-se, portanto que a formação em Biblioteconomia na percepção do sujeito coletivo contribuiu de forma positiva em alguns aspectos no seu cotidiano de trabalho.

O sujeito coletivo ao resgatar suas vivências com as TIC revelou que o seu envolvimento não era uma novidade, e a graduação só veio a complementar o seu trabalho com a tecnologia. Alguns conflitos ainda precisam ser sanados no que diz respeito à interdisciplinaridade. Chamou atenção também no DSC as melhorias que devem ser feitas no ensino de Biblioteconomia com relação à área de tecnologia evidenciando uma melhor preparação aqueles que ingressam no curso para sua atuação no mercado de trabalho.

Portanto, sugere-se que as reflexões tratadas acima e o trabalho em si possam servir de subsídios para novos estudos acerca destas reflexões.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio. Mediações tecnossociais e mudanças culturais na sociedade da informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 1 p. 113-130, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/12972/8746>>. Acesso em: maio 2014.
- AMARAL, Luis Mira. A sociedade da informação. In: COELHO, José dias. **A sociedade da informação: o percurso português**. Lisboa: Silabo, 2007. p. 85-92. Disponível em: <[http://www.apdsi.pt/uploads/news/id545/2-2.3\\_luis%20mira%20amaral\\_070626.pdf](http://www.apdsi.pt/uploads/news/id545/2-2.3_luis%20mira%20amaral_070626.pdf)>. Acesso em: maio 2014.
- ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.
- BAPTISTA, Sofia Galvão; BRANDT, Mariana Baptista. Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. especial, p. 21-40, 2006. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/972/2/ARTIGO\\_ManuscritoDigital.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/972/2/ARTIGO_ManuscritoDigital.pdf)>. Acesso em: jul. 2014.
- BATISTA, Ariane Rodrigues. A trajetória do ensino de Biblioteconomia na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC de 1974 a 2008. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 579-598, jul./dez., 2011. Disponível em: <[http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/784/pdf\\_67](http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/784/pdf_67)>. Acesso em: jun. 2014.
- BAPTISTA, Sofia Galvão; Mueller, Suzana Pinheiro Machado. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. **Información, cultura y sociedad**, Buenos Aires, n.12, p. 35-50, ene./jun. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s1851-17402005000100003](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1851-17402005000100003)>. Acesso em nov. 2014.
- BELLONI, Maria Luiza. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. **Perspectiva**, v. 25, n. 1, p. 57-82, jan./jun. 2007.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BORGES, Maria Alice Guimarães. A compreensão da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12893/1/ARTIGO\\_CompreensaoSociedadeInformacao.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12893/1/ARTIGO_CompreensaoSociedadeInformacao.pdf)>. Acesso em: jul. 2014.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: maio 2014.
- BRITTAIN, Michael J. Desenvolvimento de Currículo nas escolas de Biblioteconomia para enfrentar o desafio da tecnologia da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 25-109, jul./dez. 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/1436>>. Acesso em: nov. 2014.

CASTRO, César Augusto. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 1-13, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/346/268>>. Acesso em: maio 2014.

CORRÊA, Elisa Delfini. A formação do bibliotecário catarinense e as novas tecnologias: contribuição da ACB e do CRB-14. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/358/424>>. Acesso em: maio 2014.

COSTA, Janise Silva Borges et al. Integração entre bibliotecários e profissionais de tecnologia da informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17, 2012, Gramado. **Anais...** Rio Grande do Sul: SNBU, 2014, 13 p. Disponível em: <[https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61051?locale=pt\\_BR](https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61051?locale=pt_BR)>. Acesso em nov. 2014.

CRB - Conselho Regional de Biblioteconomia - 14ª Região. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/pop-up/bibliotecario.pdf>>. Acesso em: maio 2014.

CUNHA, Miriam Vieira da. Espaços de trabalho para os profissionais da informação no Brasil: resultados preliminares. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7, 2006, Marília. **Anais...** Marília, SP: ANCIB, 2006.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FONSECA, Fábio Jose Lobo; FONSECA, Fernanda Maria Lobo; FONSECA, Nádia Lobo. Ruptura de paradigmas biblioteconômicos, autoformação e mercado de trabalho: estudo de caso. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 10, n. 2, p. 207-223, jan./dez., 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/427/542>>. Acesso em: maio 2014.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações Sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2004.

GIANNASI, Maria Júlia. **O profissional da informação diante dos desafios da sociedade atual**: desenvolvimento de pensamento crítico em cursos de educação continuada e a distância via internet, através da metodologia da problematização. Brasília, 1999. 143 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Universidade de Brasília, Brasília, 1999. Disponível em: <[http://www.uel.br/projetos/eadcin/Produtos/TESE\\_MJ.pdf](http://www.uel.br/projetos/eadcin/Produtos/TESE_MJ.pdf)>. Acesso em: maio 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo (SP): Atlas, 2002.

GOUVEIA, Luís Manuel Borges. **Sociedade da informação**: Notas de contribuição para uma definição operacional. 2004. Disponível em: <[http://www2.ufpb.br/~lmbg/reserva/lbg\\_socinformacao04.pdf](http://www2.ufpb.br/~lmbg/reserva/lbg_socinformacao04.pdf)>. Acesso em: maio 2014.



JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 17-44.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Depoimentos e discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Líber Livro, 2012.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa: (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

MORARES, Marielle Barros; PINTO, Virginia Bentes. Análise da inserção das tecnologias digitais e de comunicação nos currículos do curso Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 14, 2012, São Paulo, Campinas, **Anais...** São Paulo: ENDIPE, 2012, 12 p. Disponível em: <[http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acer vo/docs/2014p.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acer vo/docs/2014p.pdf)>. Acesso em: maio 2014.

MELLO, Tânia Maria Gomes, COSTA; Stella Regina Reis. A avaliação da comunicação entre usuário e bibliotecário como fator crítico de sucesso na qualidade de trabalhos científicos: um estudo de caso do CEFET/RJ. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 10., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CONGRESSO, 2014, 20 p. Disponível em: <[www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/.../T14\\_0012.pdf](http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/.../T14_0012.pdf)>. Acesso em novembro 2014.

MORIGI, Valdir José, SILVA, Magali Lippert. Paradigma tecnológico e representações sociais dos bibliotecários sobre seu perfil e suas práticas no contexto da sociedade da informação. **Informação & Sociedade**: Est., João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 123-145, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/55>>. Acesso em nov. 2014.

MUELLER, Suzana Machado Pinheiro; BRAGA, Kátia Soares. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação Brasília**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1452/1496>>. Acesso em: jun. 2014.

OLIVEIRA, Antonio Francisco Maia; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. Sociedade da informação, transformação e inclusão social: a questão da produção de conteúdos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 115-131, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/385/261>>. Acesso em: maio 2014.

ORELO, Eliane Rodrigues Mota; VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional: um olhar para a dimensão estética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 4, p. 41-56, out./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n4/04.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

PACIEVITCH, T. **Tecnologia da Informação e Comunicação**. 2009. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/>>. Acesso em: maio 2014.

PEREIRA NETO, Cidália de Lurdes. **O Papel da internet no processo de construção do conhecimento**: uma perspectiva crítica sobre a relação dos alunos do 3º ciclo com a internet. Minho, 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)– Universidade do Minho, Minho, 2006. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6191/1/Tese.pdf>>. Acesso em: maio 2014.

RAMALHO, Francisca Arruda. O uso das novas tecnologias em bibliotecas e serviços de informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 37-41, jan./dez. 1993. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/170/1401>>. Acesso em: maio 2014.

REIS, Margarida Maria de Oliveira; CASTRO, Gardenia. As rupturas tecnológicas na sociedade da informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8/9, p. 88, 2003/2004. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/408/516>>. Acesso em: maio 2014.

REIS, Rafaela, Lira. **O profissional da informação e as tecnologias de informação e comunicação (TIC's)**. Florianópolis, 2004. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Biblioteconomia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em <<http://pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/0000002B.pdf>>. Acesso em: nov. 2014.

RODRIGUES, Ana Maria da Silva; OLIVEIRA, Cristina V. M. Camilo; FREITAS, Cristina Vieira. Globalização, cultura e sociedade da informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 97-105, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/439/249>>. Acesso em: jun. 2014.

RUBI, Milena Polsinelli; EUCLIDES, Maria Luzinete; SANTOS, Juliana Cardoso. Profissional da informação: aspectos de formação, atuação profissional e marketing para o mercado de trabalho. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 79-89, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/443/1495>>. Acesso em: jun. 2014.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. E-papers Serviços Editoriais, 2010.

STEIN, Suzana Albornoz. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 103p.

SALES, Fernanda. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da Biblioteconomia. **Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Documentação**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 40-57, 2004. Disponível em: <[http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao\\_18/3\\_O\\_ambiente\\_escolar.pdf](http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_18/3_O_ambiente_escolar.pdf)>. Acesso em: jun. 2014.

SALLY, Burch. Sociedade da informação e Sociedade do conhecimento. In: AMBROSI, Alain (Org.). **Desafios das Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação**, C&F Éditions, 2005. Disponível em:  
<[http://vecam.org/article.php3?id\\_article=519&nemo=edm](http://vecam.org/article.php3?id_article=519&nemo=edm)>. Acesso em: maio 2014.

SANTOS, Jussara Pereira. Reflexões sobre o currículo e legislação na área da Biblioteconomia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica Biblioteconomia Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 1-12, 1998. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/17>>. Acesso em: jun. 2014

SANTOS, Luana Suelen Pacheco; ARAÚJO, Samantha Andrade. Atuação do profissional da informação e suas perspectivas de atuação no mercado de trabalho. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 12., 2014, Fortaleza. **Anais...** Ceará: EREBD, 2014. 8 p. Disponível em:  
<<http://www.erebdfortaleza2014.ufc.br/gt/GT2/ATUA%C3%87%C3%83O%20DO%20PROFISSIONAL%20DA%20INFORMA%C3%87%C3%83O%20E%20SUAS%20PERSPECTIVAS%20DE%20ATUA%C3%87%C3%83O%20NO%20MERCADO%20DE%20TRABALHO.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Bibliotecários especialistas: guia de especialidades e recursos informacionais**. Brasília, DF: Thesaurus, 2005.

SILVA, Natália Rodrigues. O bibliotecário mediante as novas tecnologias da informação e comunicação. In: XVII ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2014, Ceará. **Anais...** Ceará: EREBD, 2014. p. 1-14. Disponível em:  
<<http://www.erebdfortaleza2014.ufc.br/gt/GT3/O%20BIBLIOTEC%C3%81RIO%20MEDIANTE%20AS%20NOVAS%20TECNOLOGIAS%20DA%20INFORMA%C3%87%C3%83O%20E%20COMUNICA%C3%87%C3%83O.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

SIQUEIRA, Ethevaldo. **Perspectivas da sociedade da informação no Brasil**. São Paulo: Telefônica, 2006.

SOUZA, Francisco das Chagas. A ABEBD e o currículo de bacharelado em Biblioteconomia no Brasil, de 1967 a 2000. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.21, n.1, p. 203-212, jan./abr. 2011. Disponível em:  
<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4054>>. Acesso em: nov. 2014

SOUZA, Francisco das Chagas. Biblioteconomia, **informação e poder**. Revista Biblioteconomia Brasília, Brasília, v. 18, n.2, p. 135-139, jul./dez. 1990. Disponível em:  
<[www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=17705](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=17705)>. Acesso em: nov. 2014.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em:  
<<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/84708933/Livro-Introducao-a-pesquisa-em-Ciencias-Sociais-Trivinos>>. Acesso em: jun. 2014.

UMAÑA, Sandra Araya. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. **Cuaderno de Ciências Sociais**, n. 127, 2002.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Documentação**, Florianópolis, n. 9, p. 16-28, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2000v5n9p16/5058>>. Acesso em: jun. 2014.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação**. São Paulo: Cultura, 1991.

**APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTROS DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO E M BIBLIOTECONOMIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Luciana Mara dos Santos, Convido o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa – “O discurso dos bibliotecários com relação às contribuições da sua formação para o desenvolvimento de suas atividades em empresas de tecnologia”, que tem o objetivo principal investigar as percepções de profissionais formados em Biblioteconomia em Santa Catarina sobre a contribuição desta formação para o desempenho de suas atividades em empresas de tecnologia.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista gravada e resposta a um breve questionário. Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o objetivo proposto relatado anteriormente.

Se durante a entrevista o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

**Consentimento Pós-Informação**

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que a pesquisa. Por isso, concordo em participar da pesquisa de forma livre e espontânea, observados o conteúdo informado e o compromisso firmado pela pesquisadora no Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Este documento será emitido em duas vias que serão assinadas por mim, pelo orientador e entrevistado, ficando uma via com o pesquisador e outra com o entrevistado.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Orientador

## **APÊNDICE II – CONVITE PADRÃO ENVIADO AOS ENTREVISTADOS**

Estou realizando uma pesquisa junto aos profissionais bibliotecários com intuito de coletar o seu discurso com relação às contribuições da sua formação para o desenvolvimento de suas atividades em empresas de tecnologia. Essa pesquisa é fundamental para a realização do meu TCC- Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Biblioteconomia - UFSC. Assim, solicito a sua colaboração em aceitar participar da entrevista, pois sua participação será valiosa nesse estudo. Certa de contar com sua contribuição desde já agradeço.

Luciana Mara dos Santos

Ana Cláudia (Orientadora)

### APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTROS DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO E M BIBLIOTECONOMIA

GRADUANDA LUCIANA MARA DOS SANTOS

ORIENTADORA ANA CLÁUDIA PERPÉTUO OLIVEIRA DA SILVA

#### QUESTIONÁRIO

##### Parte 1 – Dados pessoais dos sujeitos:

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Instituição onde se formou:

Naturalidade:

##### Dados Profissionais:

Formação Complementar à graduação em Biblioteconomia como cursos técnicos, pós-graduação, outras graduações? ( ) Sim ( ) Não

Quais? \_\_\_\_\_

Atividade principal atual: \_\_\_\_\_

Local de atuação: \_\_\_\_\_

Tempo de trabalho neste local: \_\_\_\_\_

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Fale livremente sobre o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário
- 2) Qual sua percepção sobre as contribuições acerca da sua formação em Biblioteconomia para o seu ambiente de atuação
- 3) Qual atividade desenvolve no seu ambiente de trabalho?
- 4) Fale livremente sobre suas vivências ao longo da vida com as TIC's
- 5) Fale mais alguma coisa se desejar.

## APÊNDICE V – ENTREVISTAS

### ENTREVISTA COM E1

Primeira Questão:

Fale livremente sobre o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário

Discurso:

É... Quando eu... Quando eu estava ainda na faculdade, na verdade, né, estudando... Era a época que estava na verdade nascendo mais fortemente a Informática, né? Estava começando a Internet, começando os sistemas de controle de bibliotecas, e eu achei que era uma área interessante para trabalhar, daí eu comecei a me envolver com sistemas.

➤ Segunda Questão:

Qual sua percepção sobre as contribuições acerca da sua formação em Biblioteconomia para o seu ambiente de atuação

**Discurso:**

Eu acho que são bem importantes na medida em que eu trabalho com sistema de biblioteca, né, então acho que... É... Totalmente interligado com a minha atuação na medida em que... Né, se... Se eu não fosse bibliotecária, eu estaria vendo o sistema de uma forma completamente diferente, o meu trabalho é justamente nessa questão de ligar a tecnologia a nossa prática no dia-a-dia da biblioteca.

➤ Terceira Questão:

**Qual atividade desenvolve no seu ambiente de trabalho?**

**Discurso:**

Eu desenvolvo só essa parte de sistema, né? Então eu faço, por exemplo, a parte técnica de uma biblioteca eu fiz há muito tempo atrás, não faço mais, agora eu trabalho só com sistemas. Então na verdade o que eu faço: eu faço adequação do sistema ao uso da biblioteca, tá, então, né, nós temos o sistema, eu represento esta empresa, né, que vende sistema de automação para bibliotecas e daí nós temos uma instituição que adquire o sistema e ela vai precisar de uma série de configurações, de adequações do sistema para uso adequado da biblioteca e eu trabalho com esta parte. Então, eu ensino a usar, eu dou treinamento, eu esclareço dúvidas, eu faço parametrizações, para ficar mais adequado ao trabalho que a biblioteca precisa fazer.

➤ Quarta Questão:

**Fale livremente sobre suas vivências ao longo da vida com as TIC**

**Discurso:**

É... Falar livremente, não sei... Não sei o que ti dizer... Assim, eu acho que... Hã... Eu vi ao longo do tempo muita resistência do bibliotecário em... Não é bem uma resistência, uma dificuldade em geral, eu vejo muita dificuldade do bibliotecário em se comunicar adequadamente com o pessoal de informática, tá, eu percebo hã... É muito comum o bibliotecário não entender o pessoal de informática, e o pessoal de informática não entender o bibliotecário. Ao longo do meu trabalho eu percebi isso muitas vezes a ponto de às vezes a biblioteca, por exemplo, me chamar para uma reunião com o pessoal da informática para ajudar justamente neste meio de campo da biblioteca conseguir explicar para o pessoal da informática o que precisava e o pessoal da informática conseguir responder para biblioteca sobre o que a biblioteca estava precisando.

➤ Quinta Questão

**Fale mais alguma coisa se desejar.**

**Discurso:**

Não, a princípio não... Eu não sei, eu achei a tuas questões muito livres.



## ENTREVISTA COM E2

### ➤ Primeira Questão:

**Fale livremente sobre o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário**

#### **Discurso:**

É... Eu sempre gostei muito de tecnologia, é, aí quando eu comecei, é... Já vamos resgatar um pouquinho antes, eu fui para fazer vestibular, aí eu queria jornalismo aí acabei que quando eu fui para morar em [local] descobri que não tinha jornalismo na Estadual, né? Na Universidade do Estado, só na Federal. Aí quando eu fui para fazer vestibular [no local] eu descobri a Biblioteconomia. Aí quando eu fui olhar a grade... Só... Achei interessante, ué vamos tentar, por que não, né? Aí me arrisquei, fiz vestibular tanto para jornalismo na Federal, tanto para Biblioteconomia [no local], passei [no local] e fui olhar direitinho a grade, fui acompanhando e eu adorei quando vi que tinha tecnologia. Então conforme eu fui passando o curso... Que o curso [do local] tem bastante aulas de Tecnologia da Informação, né... Tem banco de dados, a gente tem, hã... Informática documentária... Então foi bem interessante para mim, que eu já gostava bastante de tecnologia então só veio agregar, então foi o motivo que me fez continuar na Biblioteconomia, né, que antes eu estava com o pensamento de, ah, se eu não gostar neste primeiro ano eu tento algum retorno em alguma Universidade, alguma coisa assim... Mas aí eu acabei gostando e foi quando segui principalmente por que era tecnologia.

### ➤ Segunda Questão:

**Qual sua percepção sobre as contribuições acerca da sua formação em Biblioteconomia para o seu ambiente de atuação**

#### **Discurso:**

Na... [local] a gente teve a disciplina de informática documentária, que teve... Uma das matérias que o professor deu é... Foi desenho de processos. Aí ele ensinou um pouco de BPMN que é o Business Process Manager, que é uma forma de você organizar, enfim, todo um processo, fazer um desenho daquilo que você realiza dentro de empresa, dentro de casa, dentro de qualquer ambiente. E aí com esta notação, né, que é o BPMN tem toda uma simbologia como fazer esse desenho eu fui aprendendo, né, durante o curso, aí eu fiz um estágio na [empresa em que trabalhou], aí [local], né, fiz estágio durante um ano depois eu fui contratada e aí surgiu esta oportunidade de aqui no [local], para eu poder também trabalhar com isso, né, desenho de processos. Então houve esta contribuição e antes disso a gente teve algumas disciplinas de tecnologia e como eu trabalhava já na [empresa em que trabalhou], que é uma empresa também de desenvolvimento de software, e agora eu estou na [empresa em que trabalha], é uma empresa de consultoria, né, e a... Enfim, aconteceu que por eu ter esta bagagem da faculdade que era uma coisa mais geral, pensar assim, que quando o pessoal está comentando sobre determinado assunto, eu, assim... Não fico completamente leiga, hã, eu consigo captar o assunto daquilo que eles estão falando para fazer o meu desenho de processo

Terceira Questão:

**Qual atividade desenvolve no seu ambiente de trabalho?**

#### **Discurso:**

Eu sou... Atualmente eu estou com duas funções, uma que é analista de processo, né, que a gente tem uma equipe de gestão de problemas, eu trabalho dentro dessa equipe como analista de processos. É eu faço este desenho de processos da seguinte forma: É... É que têm as duas formas, né, uma esta meio casada com a outra. Uma, eu trabalho como consultora de Saping, né... Dentro... Consultora funcional de Saping. Aí eu sou uma consultora júnior que ainda estou caminhando, estou aprendendo e tal... Estou me desenvolvendo. E aí como que funciona: o cliente liga né, abre um Sputing, né, a gente tem um sistema como é... Onde o cliente coloca as suas informações, do problema que ele está tendo dentro do Saping. Né, que é um Sistema de Gerenciamento de Gestão de Empresas. Tudo o que você precisa dentro de

uma empresa tem dentro do sistema, né, então, é um sistema alemão, que a gente trabalha dentro dele. Então se o cliente abre um incidente quando ele tem algum problema, ah, ele emite uma nota fiscal, ele abre um incidente para gente e aí assim, é... Através destes incidentes que a gente faz a gestão do trabalho, com reporte de solução, né, de correção, a gente vai... Não alimenta, mas, por exemplo, se tem algum problema, se um reporte não corrige a gente vai corrigindo a mão... Né, então a gente vai vê tudo isso. Essa é a parte da consul..., Como consultora funcional. Aí a parte de desenhista de processos como que entra: quando alguns desses incidentes começa a ficar muito tempo lá na nossa mão, não só da minha equipe, que são várias equipes várias dentro de um mesmo ambiente. Quando fica muito tempo na nossa “mão” a gente tem que entender o porquê aí vira gestão de problemas. Né, a gente vai atrás da causa raiz disso, aí que entra também o desenho de processos, que aí a gente vai e desenha tudo aquilo que é feito para chegar naquele incidente. Ah, o que que o cliente faz, como ele preenche, como que chega na gente, o que a gente tem que fazer, porque esta demorando tanto... Ou qual a solução, porque que a gente ainda não achou a solução, então aí uma coisa esta bem integrada com a outra.

➤ Quarta Questão:

**Fale livremente sobre suas vivências ao longo da vida com as TIC**

**Discurso:**

No meu trabalho... Assim, a gente utiliza o... O Saping, né, que é este sistema de gestão... É de empresas... É um sistema assim... Ele é gigantesco, ele é absurdo de gigante. Aí a gente lida muito com isso, a gente tem um outro sistema que é o mentor que é este Sistema de Gestão de Incidentes... E... A gente tem uma outra ferramenta que é dentro do Saping também que é o Solucion Manager que a gente utiliza para quando precisa entrar em contato com outra equipe para enviar mensagem para esta equipe executar o seu trabalho. Essa é assim, a minha vivência maior... Né, dentro do... Do ambiente de trabalho.

➤ Quinta Questão

**Fale mais alguma coisa se desejar.**

**Discurso:**

É... Assim... É... Se tem alguma outra dúvida, se ficou claro o que eu falei, por que as vezes acabei me empolgando, acabei me desviando um pouco...

## **ENTREVISTA COM E3**

➤ Primeira Questão:

**Fale livremente sobre o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário**

**Discurso:**

Sou bibliotecária há mais de vinte anos, é... Eu me formei em 1992 em uma época em que a gente tinha tecnologia na lousa, e sempre foi uma área em que eu tive muito interesse. Eu acabei... Pela minha experiência profissional, é... Trabalhando muito com sistemas, ajudando analista a desenvolver sistema. É... Então para eu trabalhar em uma área de tecnologia mesmo foi uma consequência do caminho que eu dei para minha carreira, tá? É... Eu... Eu tenho uma visão de tecnologia para nossa área, assim, como um meio não como um fim, tá, é um instrumento que a gente usa para fazer o nosso trabalho e de forma alguma a tecnologia vai é... Tirar o lugar do profissional. Eu acho que a gente utiliza muito pouco a tecnologia na nossa área e... A gente precisa muito porque o volume de dados que a gente usa é muito grande. Então a gente tem que usar mais esses recursos para que a gente consiga ter uma visão sistêmica é... Do tratamento da informação, do uso da informação para a gente conseguir toma decisões, é... Ajudar o usuário... Né, então a gente... Precisa da tecnologia como um

instrumento, mas e ela de forma alguma vai fazer o que a gente faz ou vai roubar o espaço do bibliotecário.

➤ Segunda Questão:

**Qual sua percepção sobre as contribuições acerca da sua formação em Biblioteconomia para o seu ambiente de atuação**

**Discurso:**

Olha... Eu fui docente até o ano passado tá, eu não dava aula na área... Quer dizer, eu cheguei a dar uma disciplina na área de tecnologia, mas eu dava aula para catalogação, Tá. É... Eu acho que a formação hoje no Brasil pelo menos em São Paulo, tá... Não conheço a realidade fora de São Paulo, é... Deixa um pouco a desejar na tecnologia. Tá. É mesmo a catalogação eu acho que ela é... Ela tinha que estar mais alinhada com a tecnologia por que você usa formatos, metadados, você tem migração, e são questões que não são tocadas na graduação. Eu não dou aula de automação. Se eu desse aula de automação... Eu ia pegar bastante esta parte de migração de dados porque o bibliotecário tem pavor de ouvir esta palavra. E a gente depende de migração de dados e o fato de você usar um formato não quer dizer que a tua migração vai ser lisa, né? Então acho que falta gente capacitada na nossa área para tratar de metadados, para falar de migração, é... Para falar de tecnologia, e aí eu não defendo se vai falar de software A, ou software B. Se vai falar o que o software tem que ter tá? E foi-se o tempo em que software era para catalogar e emprestar livro. O software é uma ferramenta de gestão. Com Workflow, com processo, com... métricas, com indicadores... Ele não é uma ferramenta para indexar e emprestar. Tá, então assim a formação nossa em São Paulo, eu acho que é muito fraca. Tá, então a gente tem... O que eu já vi até hoje poucos docentes com conhecimento e experiência na área de automação com capacidade para este tipo de disciplina.

➤ Terceira Questão:

**Qual atividade desenvolve no seu ambiente de trabalho?**

**Discurso:**

É... Eu tenho uma atividade muito multifuncional na empresa porque eu faço desde o trabalho com o analista... Eu não sou analista, eu não programo, mas eu sei ler o código. Tá. É... Eu consigo entender a lógica da programação, funcionamento de sistemas. Então eu converso muito com os analistas, é... O que que o sistema tem que ter de acordo com o que eu vejo em congresso... É... Brasil e fora do Brasil, toda parte de metadados, tendências tecnológicas, então eu converso muito, eu ajudo a estabelecer a linha de... Evolução do software É... Eu também ajudo... O suporte da empresa a... A traduzir um pouco o que o bibliotecário está falando para o analista de suporte, né? Porque às vezes... É... A pessoa não conhece biblioteca, o analista de suporte não conhece a biblioteca. Ele nunca... Trabalhou numa ambiente da biblioteca, então às vezes alguns pedidos do bibliotecário ficam sem sentido, a pessoa não consegue entender a razão de um pedido daquele. Então eu faço muito essa... Essa ponte do cliente com o analista de desenvolvimento, analista de suporte, é... Eu também faço muito apresentação de sistema porque eu vou até o... **Prospectivo eu vejo o que ele precisa e** como a minha ferramenta pode ajudar, tá. É... Basicamente isso, e toda a parte de documentação do sistema sou eu que faço também, tá? Então eu tenho uma série de atividades, eu dou, faço consultoria, eu dou curso, eu dou palestra, é... Eu atuo em muitas frentes na empresa, tá?

➤ Quarta Questão:

**Fale livremente sobre suas vivências ao longo da vida com as TIC**

**Discurso:**

Olha, é... Eu sou de uma época... Hã... Me formei há bastante tempo. Quando eu me formei não existia o Windows, não existia Internet para o público. É... O bibliotecário ELE brigava e briga muito até hoje com os analistas, né... Eu acho que o bibliotecário, é... Ele tem que saber

conversar com o analista, cada um na sua área. Né, eu sei que existem analistas que são difíceis que acham que sabem o que é bom para gente, quando eles não conhecem, eles acham... Eles, às vezes eles acham que o nosso problema é muito simples, e não é, é complexo, tá? Mais... Eu acho que falta um pouco de boa vontade de alguns profissionais de entender como a coisa funciona, para daí ter uma conversa com o analista, acompanhar a tendência tecnológica, é... Trazer a novidade para biblioteca, trazer ferramentas novas... Tem muita tecnologia que a gente podia estar explorando no ambiente da biblioteca e os profissionais acham que... Nem acham, né, não acham, é... Não tem esta visão. Então por exemplo, é celular, dispositivos móveis, você pode usar isso para fazer empréstimo, para... Para fazer sugestão de livros, para tanta coisa, né, para tanta coisa você pode usar e... E às vezes a pessoa fica no dia-a-dia da biblioteca que acaba não vendo estas opções de oferecer um serviço mais... É... Completo, diferente para o seu usuário. Então as questões com as TIC'S é isso, é saber conversar, respeitar o espaço de cada um e aprender com a experiência, é... Que eles tem para contribuir com a gente assim como a gente tem a contribuir com eles. Tá, então é uma coisa realmente de cada um ocupar o seu espaço, não é tirar o espaço do outro, é trabalhar junto, cada um na sua praia, né? Eu vejo muito dessa forma, né? Eu atuo na área de... É lógico que eu não trabalhei só com sistema, é... Eu já fui também bibliotecária é... Tradicional, hã... Mais a minha vertente sempre foi muito tecnológica, desenvolvendo sistema, metendo a fazer sistema com analista desde 1995, tá. Isso quando aqui no Brasil a gente falava de sistema era o Winisis, tá? É... Acompanho muito o que acontece fora, muito assim, eu sou filiada a ALA, participo dos congressos, tenho a literatura, faço curso, é... Para ver o que esta sendo discutido lá fora não que o que tem lá fora é bom para cá, mas saber o que está sendo feito, né? Porque não é toda "onda" bem vinda, não é toda "onda" que vinga, não é toda "onda" que você pega. Mas você tem que estar acompanhando as "ondas". Que é bom que como estas coisas chegam aqui no Brasil no momento que a gente vive hoje... De muita mudança na profissão, né, a gente tem mudança do padrão de catalogação, a gente tem mudança de bibliotecas digitais, a gente tem livros digitais, conteúdo digital chegando com tudo, e a gente não está preparado para isso, né? É esse é um dos temas que eu mais estudo, meu mestrado é sobre isso, estou escrevendo, estou lançando um livro agora sobre isso é... O livro digital muda muita coisa na biblioteca e as pessoas não tem noção, os bibliotecários não tem muita noção do que que é o livro digital, e o que que ele é na biblioteca. Porque eu enquanto pessoa física, encontro livro é uma coisa, biblioteca não igual, né? Então, a gente precisa ficar um pouco antenado, eu sei que não é todo profissional que gosta de tecnologia e eu acho que nem todo tem que gostar não. Quem é bom em indexação, em linguagem, é bom em referência... Tem espaço para todo mundo. Mais... É não dá para você conceber a nossa profissão sem a tecnologia, né, então o mínimo de conhecimento você tem que ter tá?

#### ➤ Quinta Questão

**Fale mais alguma coisa se desejar.**

#### **Discurso:**

Não, eu estou. Estou tranquila, tá. Não sei se você conhece o Sophia, né... Aí em [no local] nós temos alguns clientes, né, que trabalham o [empresa], é nosso cliente, acho que tem algum tribunal, é... A [empresa] trabalha como o Sophia é... Que eu não faço muito esta parte comercial, né? Então, não sei, mas a [empresa] foi um local que eu participei da implantação, tudo. É... A gente... É um sistema muito forte, hoje, a gente, é uma solução robusta, a gente não deixa nada a desejar para soluções de fora do Brasil, a gente acompanha o mercado estrangeiro... É... E a gente tá aberto, né? Quem quer conhecer, a gente costuma fazer é... Apresentações em vários estados, em várias cidades, esse ano não está previsto... Estou fazendo agora em Brasília. Semana que vem [vários estados] né? É... Mais a gente sempre faz eventos, é... Acabamos de ter nosso encontro anual que é para cliente é... Sempre tentando ajudar o nosso cliente para que ele tenha uma ferramenta que facilite o seu trabalho que ele

preste um bom serviço de informação, né? Então... Para quem não conhece o sistema, né? Eu sei que aí na Federal vocês usam outro software? Eu deixo um convite se tiver interesse para fazer uma apresentação, se quiser conhecer ou visitar nossos clientes aí ou então entrar em contato, para a gente ver se tem alguma visita ou programar uma visita, tá? Ou até mesmo uma apresentação remota, também às vezes é possível ser feito, tá? É... E acompanha o trabalho que a gente está fazendo né? No nosso site, tem as novidades, quem são clientes nossos, para que linha a gente está seguindo. Né, então eu faço esse convite, é... Eu tenho uma preocupação acadêmica, tenho uma profissão acadêmica que não é vinculada ao Sophia, assim, de tecnologia, né? Mas... Eu acho que a gente tem que estar antenado com o que acontece é o que tem de opção e não ficar só com... Uma opinião, né? Tá, então eu me coloco a disposição, eu tenho uns horários um pouco complicados, então eu sempre peço que me avise com antecedência para eu ver onde é que eu vou estar... É... Mas eu estou sempre disposta a colaborar com a formação do profissional no que eu puder. Ou com a minha experiência acadêmica ou de profissional.

## **ENTREVISTA COM E4**

### **➤ Primeira Questão:**

**Fale livremente sobre o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário**

#### **Discurso:**

É... Tá... É... Na verdade eu já trabalho com área de tecnologia desde... Da época do segundo grau. Então eu comecei ah... A me envolver com... A Internet já nos primórdios da Internet comercial no Brasil, né? Eu peguei o comecinho dela eu fui pegando a evolução e... Na verdade muito como usuário no começo e depois, é... Comecei a mexer fiz é... O site do guia turístico da cidade [no local] em 1996 participei da elaboração, é, aprender a questão do site, etc... Daí depois eu fui aprendendo outras coisas, questão de sistemas, etc. Autodidata, né, não era com... Nenhum curso nada, conforme eu fui mexendo eu fui me envolvendo nessa área. E daí a partir daí... Eu... É... Quando eu fui fazer a graduação... E daí eu... Na época eu não conhecia o curso de Biblioteconomia que engraçado o meu pai me indicou e daí eu assim: tá, mas, Biblioteconomia, o que que tem haver, eu mexo com T.I., tal, daí ele falou: não, mas tudo o que tu mexe, né?... O que que tu mexes? Com sistema de informação, né? E eu assim É, sistemas de informação, é... Trabalho, né, busca organização, etc., então, isso começou na Biblioteconomia, né? As outras coisas são depois, né? Quem organizou primeiro, quem começou a lidar, como se preocupar com isso foram os bibliotecários, né? Então... Eu Já tinha esta vontade, esse... Já lidava com isso desde esta época, e daí... Eu fiz o curso, digamos de forma complementar com a área que eu mexia, não foi o contrário, né? Em termos cronológicos.

### **➤ Segunda Questão:**

**Qual sua percepção sobre as contribuições acerca da sua formação em Biblioteconomia para o seu ambiente de atuação**

#### **Discurso:**

Tem... Tem dois aspectos, né? Um é... Na parte técnica, é... São áreas... Têm realmente grandes relações. A parte de organizar informação, a... A indexação que na Biblioteconomia a gente vê muito é indexação para... De obras para completar a busca, etc., e na área de T.I. houve indexação de texto completo, né? Que na Biblioteconomia se trabalhava pouco na fundamentação teórica na época que eu estudei, mas que esta fortíssimo com o Google e a Internet em geral, né? Então eu fui pegando as duas coisas, né? Ah... Eu vi o quanto que os mecanismos do Google de relevância de pegar a página mais importante estão misturados em mecanismos de bibliometria, de... De coisas de autoridade, né, coisas que Biblioteconomia, é... Já tratava, e como que isso inspirou questões de tecnologia que eu aprendi direto para esta

empresa que eu já utilizava. É...? Então nesta parte técnica, é... Contribuiu complementando, né? Foi uma segunda visão e muitas coisas semelhantes, e algumas coisas novas, né? E tem na parte não técnica que contribuiu bastante foi que eu trabalhando na área de T.I., com pessoas formadas na área de computação, na área das engenharias, uma coisa que fica bem perceptiva, é a dificuldade dessas pessoas no geral, assim de maneira geral, né, de lidar com o público, com as pessoas "normais" digamos assim. Eles falam uma linguagem própria o pessoal da T.I. usam muitos termos e... E as pessoas, seja da área de conhecimento específico seja de outras áreas, seja pessoas comuns não usam estes termos e tem muita dificuldade de comunicação então sempre percebi. E... E o fato de eu ter me engajado na formação técnica em computação, ou sistemas de informação, T.I., mesmo ou uma engenharia, eu acabei que... O que eu aprendi, eu já lidava com outro público, mas é... Me esforçou a lidar muito mais sempre que eu explicar seja para um colega do curso da Biblioteconomia, com professor, para outra pessoa é... Eu tinha que digamos que converter a linguagem o que eu fazia lá na área de T.I. para a linguagem comum, né? Então... Eu acabei aprendendo a lidar melhor com... Eu acredito que facilitou o que me deu mais experiência em lidar, é... Fazer esta transição entre os termos técnicos eu posso conversar com o pessoal da T.I. me entender relativamente bem com eles em alguns aspectos e conseguir passar isso tentar uma explicação mais simples para as pessoas que não são da área. Acredito que isto me ajudou bastante. E a própria Biblioteconomia, né, lida com isso que as bibliotecas especializadas todas as pessoas que trabalham na biblioteca de direito, acabam tendo que aprender algumas coisas da área de direito, de medicina a mesma coisa... Então, essa... É mais uma correlação da área que eu trabalho né? Que eu vou lidar com... Hoje eu trabalho muito com periódicos científicos, cada periódico, cada área do conhecimento ali tem um uso a parte e tem todo uma parte em comum, né? Tem a parte técnica que eu lido e essa parte da comunicação, etc.

➤ Terceira Questão:

### **Qual atividade desenvolve no seu ambiente de trabalho?**

#### **Discurso:**

Certo, é... Mas o meu trabalho é uma série de atividades, né? Até tem uma pergunta que tu fez no questionário sobre o cargo que eu tenho na empresa, né? Ali, no caso preferi de sócio diretor porque ali o cargo como é uma empresa muito pequena, ali não tem nenhum cargo é... Bem definido... Gerente de vendas, gerente financeiro, alguma coisa assim, pois a gente trabalha, a gente acaba definindo tudo muito em conjunto e... A gente até separa algumas tarefas, também divisões? Eu mexo muito mais com atendimento do que com a parte técnica. Então eu faço muito mais a... O suporte, vendas, né, o pós-venda, né? Então no atendimento tem um cliente que já é nosso cliente e que quer tratar de algum assunto, alguma dúvida, etc... Eu sou a pessoa que lido com isso mais toda forma que a gente lida com nossos clientes a gente define em grupo e... Não é uma coisa que eu defino e... Faço do jeito que eu quiser, claro a gente tem um grau de liberdade, né, mas é... E a mesma coisa, tem gente que lida mais com o financeiro, mas não é aquela pessoa que define, é... Não é ela que define o que que a gente vai gastar, ou que que a gente vai ter para receber, e sim a gente define em grupo e da parte operacional daí cada um assume mais, né? Então eu cuido hoje muito mais da parte de vendas da parte de periódicos em nuvens, que é... Para revistas científicas, análise de eventos... relacionados é... Um pouco na área de eventos também a parte do sistema dos eventos do controle das inscrições, soluções, avaliações, é... Assim no dia-a-dia isso é a minha principal tarefa digamos assim em termos de horas. E, além disso, eu participei desde a elaboração periódicos em nuvens, muito veio da minha experiência que eu já tinha de anos com o SEER, né? Sistemas para revistas, e... Junto com meu sócio, a gente está tendo muitas colaborações técnicas, de como a gente podia melhorar e surgiu o periódico em nuvens. A elaboração desse produto periódicos em nuvens pode ver lá eu sou proprietário no site é inovador, né? Não tem nenhuma empresa que oferecia nada parecido. Toda aquela elaboração

desde a parte técnica, como que iria funcionar cada detalhe de software mesmo, de sistema, é... Onde que iria ficar o servidor, etc., até a parte do que que era importante para o público, isso meu sócio não conhecia, né? Ele não lidava com o SEER antes da empresa. A empresa tem três anos e meio mais ou menos. É quando eu lidava... Quem conhecia este público e as necessidades deles era muito mais eu, né? Só que as perguntas que eles fizeram etc., Me ajudaram inclusive a conhecer melhor o meu público... Eu tive que pensar nas pessoas... Para responder algumas perguntas eu acabei percebendo coisas que passavam despercebidos e a gente elaborou esse produto depois alguns serviços relacionados então têm bibliotecários que trabalham com a gente também então a biblioteca acabou expandindo isso é um dos produtos que a gente oferece, né? Mas eu participo desde a parte de elaboração do produto, é... Em todas as seções importantes da empresa a gente faz em conjunto, né? São quatro sócios-fundadores e os quatro participam de qualquer decisão que é... Mais importante... E a parte dos periódicos em nuvens eu sou, eu meio que coordeno essa área... Assim, né... Questão das necessidades dos clientes, etc.

➤ Quarta Questão:

### **Fale livremente sobre suas vivências ao longo da vida com as TIC**

#### **Discurso:**

Então começou... Eu comecei já adolescente, é... Eu tive... Meu pai é professor aposentado da [universidade] na área de computação, né? Então eu acabei tendo computador em casa desde criança. Isso em uma época que era bem incomum aqui. Para mim um privilégio, né? Hoje em dia é bem comum, assim, às vezes até em excesso, mas eu tive computador em uma época em que o computador era muito raro, muito difícil e em seguida na metade da década de 90 eu passei a ter Internet em casa em uma época que não existia Internet disponível no Brasil praticamente só existia na Universidade, em grandes instituições e raríssimos casos as pessoas tinham em casa. Eu participei diretamente, né de um projeto que botou rede na praça pública de Florianópolis, enfim, então minha vivência foi muito é como filho de um professor que estava envolvido em vários projetos de levar a Internet uma novidade total mesmo no mundo é... Levar esta Internet para as pessoas é... Comuns para pessoas que não seriam as primeiras a serem vistas? Porque na época estava tendo usado muito para pesquisa só as Universidades estavam tendo? E... Quem estava começando a ter mais é quem tinha um alto poder aquisitivo, né? E esse projeto foi botar Internet na praça pública é, mostrar para os professores que não tinham nem computador em casa tal, mas é um computador já com Internet. Então minha convivência começou com isso. E nisso teve este projeto ele era apesar de ser um projeto vindo da computação, né? Eu sou da área de computação ele era totalmente... Ele é social, né? A ideia é que... Qualquer pessoa deveria ter acesso à tecnologia igual à outra. Então esse projeto era contra pegar computador velho de uma pessoa para dar para o pobre usar o computador velho. Uma política bem forte assim: o melhor computador tem que ser que o rico usa e o pobre tem que usar não tem que ter diferença em termos de acesso, né? É... Hoje vale para celular, para Internet, né, enfim, não tem que um pobre usar um 3G que não funcione direito e o rico ter uma conexão boa, é... Então quem tiver... Tinha a questão de na época não existia rede sociais é... Como hoje, né? Não tinha facebook nem sequer Orkut a gente meio que criou uma rede social eu não participei da criação, né, mas eu utilizei em termos de grupos por isso que eu me coloco um pouco como... Eu quase cheguei a participar do projeto é posteriormente... É... Tinha uma rede social, a pessoa criava conteúdo, colocava coisas, conversava, fazia tudo o que se faz hoje de uma forma diferente com softwares de tecnologia desenvolvidos aqui no Brasil aqui em Florianópolis e disponível para a população toda. Então eu tinha essa ideia de que as pessoas deviam criar seu conteúdo deviam não simplesmente serem consumidoras, né, e... É no compartilhamento, enfim tem uma série de questões assim nesse sentido. Daí então minha vivência da tecnologia foi muito voltada para o lado social E... E ela era uma ferramenta, né? Não era a essência da coisa. Daí depois eu fui

aprendendo umas coisas mais técnicas é... Convivi com pessoas com muito conhecimento em algumas áreas e eu acabei... Com isso pegando conhecimento diverso na área de rede, sistemas, é... No comecinho fazer página crio coisas também, trabalho, né? Sou bom nisso... É mais eu fui lidando com uma série de... Aprendendo várias coisas mais técnicas mesmo que depois foram me ajudando é... Durante o curso de Biblioteconomia eu fiquei participando de vários projetos de desenvolvimento de sistemas até que eu me formei e daí eu tinha já interesse em abrir a empresa que eu tenho hoje é... E só que eu não tinha as pessoas ainda prontas para isso e eu fui esperando a oportunidade a melhor oportunidade nisso eu fui trabalhar meio período como administrador de rede, então eu mexi com a parte mais de rede mesmo, né, colocar as pessoas no ar, etc, para empresas aqui de Florianópolis, trabalhei em duas empresas, até que eu consegui todos estarem prontos para a gente montar nossa própria empresa, saí da empresa que eu trabalhava e aí desde então.

➤ Quinta Questão

**Fale mais alguma coisa se desejar.**

**Discurso:**

Eu acho assim que... Que o principal, mais é isso assim, mais ah... É eu acho que em termos de... Pensando nas pessoas que vão fazer o seu trabalho eu penso mais na questão assim de tudo o que a gente aprende é... Vão abrindo novos caminhos, né? Então... Eu poderia estar trabalhando na área de sistemas como T.I. mesmo só que o meu interesse era mais social então eu acabei escolhendo vários outros caminhos que me aproximaram da Biblioteconomia e a trabalhar com as coisas que eu trabalho: software livre e as coisas que as pessoas experimentam, por exemplo, eu aprendi quase tudo na... Muito o que eu aprendi foi na adolescência e durante a graduação mas fora da escola e mesmo na Biblioteconomia muito o que eu aprendi foi quando eu entrei no curso na verdade quando eu fui fazer... Eu ia prestar vestibular para Biblioteconomia eu fui ver tudo que eu achava na Internet sobre o assunto, fui participar das discussões, é... E isso coisas que eu ia ver as vezes na metade do curso e depois de dois anos de curso eu já tinha visto com as vezes com até com mais detalhes na Internet em uma lista de discussão estava... As pessoas que estavam trabalhando com aquilo de qualquer maneira já estavam tendo e quando... Dois anos depois eu já via como uma coisa que estava crescendo que iria ser interessante para o bibliotecário de forma superficial eu já tinha visto com mais detalhes antes, né, e algumas que me interessava mais eu ia atrás aí de mais informações então tudo isso é... Então a mensagem que eu queria deixar é tudo que a gente possa aprender é... Por exemplo, as pessoas que fazem estágio... Né, os tipos de estágio que fazem cada experiência que ela tiver esteja no estágio seja na literatura é... Tudo que fugir da... Só de assistir aula essas coisas obrigatórias vai abrir caminhos novos para ela e ela vai ter mais opção de encontrar algo do que ela realmente gosta. Eu conheci várias pessoas que não tinha vocação para uma determinada área vaga, por exemplo, biblioteca escolar, e no estágio se apaixonou. A pessoa não se via trabalhando com estudante, criança ou adolescente, seja o que for não se via trabalhando naquela algo específico da Biblioteconomia, mas no estágio se apaixonou e aquilo ali mudou a vida da pessoa, né? Então são... Cada questão dessa abre novos caminhos. E eu também ia falar da... E aí para qualquer curso, né? Que sempre que a pessoa que quiser tirar só dez é... For bem no curso ela vai ser um bom bibliotecário formado ali em termos de acadêmico, né? Mas as pessoas que aprendem coisas fora, estágios além do obrigatório tiver uma experiência... Tudo aquilo ali ela tem de diferencial ela já está... São passos à frente. Na hora em que fizer uma entrevista quando ela está na empresa, a empresa nunca vai... Eu não conheço nenhuma empresa que peça nota, currículo, a nota que alguém tirou em qualquer matéria, agora experiência profissional ou a pessoa que disse, fala, oh, trabalhei com aquela pessoa, trabalhou na biblioteca que instalaram, ou no projeto tal... E essa pessoa é confiável, é boa, trabalha... Tem vontade, é... Isso faz muito mais diferença do que a



peessoa que passou raspando, rodou cinco anos não na hora de conseguir emprego ela tem um pouco de experiência.

## **ENTREVISTA COM E5**

➤ Primeira Questão:

**Fale livremente sobre o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário**

**Discurso:**

É... Meu interesse em trabalhar na área de tecnologia... Deixo pensar... Cara, para mim a Biblioteconomia é tecnologia. Eu vejo a Biblioteconomia como se fosse é... A primeira área de T.I. antes da T.I. atual existir. Porque a biblioteca lida com tecnologia. Você gerencia a biblioteca como se você estivesse gerenciando um computador teoricamente no modelo clássico, né? Porque você tem que tratar o acervo, definir as regras para organização para o acesso às pessoas entendeu? Então na minha visão a Biblioteconomia da forma de tecnologia, né? Uma ciência aplicada. Aí na concepção que eu entendo de tecnologia do termo, né? Aí se você está falando comigo sobre tecnologia relacionado à Internet, a computação, a software essa parte aí o discurso amplia um pouco, entendeu? Mas para mim, a minha visão é que tecnologia é só um meio, tá? É uma ferramenta, é um meio... Então dentro do contexto da Biblioteconomia o que eu vejo a Biblioteconomia é um meio para que, né... É... Então você parte do princípio de que você como bibliotecário você na Biblioteconomia é que hoje tem um discurso muito o bibliotecário não é só biblioteca, o bibliotecário é uma coisa além de biblioteca então vou separar eu sempre vou ter duas falas, tá? É... De um lado você tem a Biblioteconomia que é o bibliotecário trabalhando na biblioteca porque a biblioteca ela tem, prove um fim, né? Ela atende alguns serviços alguma coisa e ele utiliza a tecnologia para a biblioteca aí tem este discurso. Então você incorpora novas ferramentas, novas técnicas, o que for para que a biblioteca cumpra o seu objetivo, né? Então a formação do bibliotecário ela sempre foi pensando, é como é que fala... É... Então dentro deste contexto é... Eu pensei como eu trabalho fora de biblioteca, eu pensei o que que eu faço hoje fora da biblioteca que me permita dizer eu continuo sendo bibliotecário? É, porque tudo o que eu faço não é necessariamente o que a Universidade me ensinou a fazer, o que o curso de Biblioteconomia me ensinou a fazer e relacionado a técnica da Biblioteconomia, né? Os recursos que ela oferece. A questão, a visão humana, né? É conta as técnicas da área catalogação, indexação o que for e contra a visão do que o que o bibliotecário faz. É então os meios que eu aprendi na faculdade eu não utilizo então eu tive que repensar quais os fins é para mim qual é o fim da Biblioteconomia? O fim da Biblioteconomia, na minha visão nunca esta é... Eles mudaram tentaram mudar de um meio que é a biblioteca para outro meio que é a informação que não resolve nada. Para mim o fim da biblioteconomia sempre é relacionado a suporte e a inteligência de alguma forma. Então eu me vejo trabalhando fora das bibliotecas com serviços relacionados a dar suporte a inteligência, entendeu? Seja em organizações, seja para educação. Então tenho utilizado a tecnologia nesse sentido, não sei se respondeu se facilitou?

➤ Segunda Questão:

**Qual sua percepção sobre as contribuições acerca da sua formação em Biblioteconomia para o seu ambiente de atuação**

**Discurso**

O que a Biblioteconomia me deu foi é uma espécie de sociedade. É lógico que todo mundo que é bibliotecário se conhece enquanto bibliotecário e troca informação. Ela criou ela me permitiu mais fazer parte de uma comunidade de profissionais. O meu sócio de T.I., né? E ele fala comigo eu não sou amigo do cara que se formou comigo em T.I. Só porque se formou comigo em T.I. Eu nunca mais vi o cara na minha vida. Agora quando você se forma com os bibliotecários tem essa... A gente sempre mantém o contato é na área. Talvez porque a área

como ela não sabe para que que serve nessa nova era digital as pessoas fazem uma comunhão buscando um sentido, né para profissão. Então elas comungam: é o que faremos qual o perfil do novo bibliotecário, qual o novo papel do bibliotecário, a identidade do bibliotecário. Então como não tem estas questões bem resolvidas, então é... A área... Por mais que eu não trabalhe em biblioteca por mais que eu não esteja vinculado ao que a academia me ensinou é... Ela me deixou esse legado para o que é da comunidade, entendeu? De eu conhecer as sociedades da Biblioteconomia. Eu duvido que se eu tivesse feito outro curso que eu tivesse um trabalho mais claro sobre o que eu teria que fazer eu teria esse dilema, entendeu? Talvez tenha umas áreas em crise, ah, jornalista! Jornalista sempre se encontra para falar mal de jornalista, entendeu, para falar mal da profissão, entendeu, sempre que têm áreas em crise você tem as pessoas se mobilizando. O que o curso me ensinou não tem haver necessariamente com a Biblioteconomia em si, mas justamente com essa é... Com esse espírito da academia, né? De você estudar, de você pesquisar, antes de fazer qualquer coisa, né? É... Então eu sempre tive... E o que a Biblioteconomia me ensinou é essa cultura da pesquisa porque a Biblioteconomia... Existia muito esta cultura de você pesquisar as referências, buscar as fontes, para os usuários, mas tudo o que a Biblioteconomia para fazer para os usuários eu apliquei para a minha vida profissional, né? Então é mais isso nesse sentido.

➤ Terceira Questão:

**Qual atividade desenvolve no seu ambiente de trabalho?**

**Discurso:**

Hoje nós somos... É... Hoje... Como assim? Pergunta de novo que eu me perdi na pergunta. É... Eu faço de tudo um pouco. Porque eu como eu tenho uma empresa então eu faço... Como é uma empresa pequena, e eu sou... O sócio administrador, eu faço desde a parte de contabilidade, emitir nota fiscal, é... Até atender cliente, até planejar serviço, até colocar site no ar, até planejar... Gerente de projeto, até planejar projeto, é... Fazer curso para treinar as pessoas, entendeu? Quando você tem uma microempresa você não tem uma visão, ah, eu sou nisso na empresa, eu faço um pouco de tudo. Porque você não tem mais... Quando você tem uma grande empresa, faz sentido você dizer eu sou especialista nisso, eu sou contador da empresa, eu sou advogado da empresa, então, quando você tem muita, o tamanho da empresa é muito grande faz sentido você ter as terceirizações, quanto menor a empresa mais você tem que fazer um pouco de tudo porque aquilo tem que ser resolvido, né? Então hoje você terceiriza mais as coisas, né, você assina um software para te ajudar na contabilidade, emissão de nota, você tem software para gerir informação, entendeu? Hoje, a vantagem é que hoje com o computador, com o software você faz... Resolve o que você não resolvia há dez anos, entendeu?

➤ Quarta Questão:

**Fale livremente sobre suas vivências ao longo da vida com as TIC**

É... Ela, ela é de longa data. Que eu desde garoto e aquela coisa de ter um computador, e eu sempre quis ter um computador, e aí... É... E aí acabou rolando na adolescência no final da adolescência eu consegui ter um computador em casa e aí eu comecei a trabalhar no meu primeiro emprego eu coloquei Internet em casa. Em 1996, 1995 para 1996. Então aí com a Internet, lista de discussão que eu comecei a me interessar essa parte do digital até quando eu entrei no curso de Biblioteconomia eu já entrei já com uma visão Já tinha trabalhado em empresa, já tinha feito site na net, já tinha trabalhado com uso da tecnologia da informação dentro de um contexto de grande empresa. E aí quando entrei no curso de Biblioteconomia tinha uma expectativa de que a Biblioteconomia ela ia, ah que a Internet... Eu lia os artigos, né, sobre a área, o futuro da área que a Biblioteconomia é o profissional disso, que a Internet... E aí quando eu entrei no curso eu não vi nada disso, entendeu? E aí foi um choque de realidade porque de um lado você tinha um discurso sobre o futuro da profissão, mas de outro

lado aquilo não estava no cotidiano do ensino da área, né? Então é... Eu, a tecnologia sempre foi paralela a minha vida independente da vida acadêmica. Buscando por conta própria, trabalhando por conta própria, entendeu?

➤ Quinta Questão

**Fale mais alguma coisa se desejar.**

Não, só isso. Assim, está claro para você?

## APÊNDICE VI – INSTRUMENTO DE TABULAÇÃO E ANÁLISE

➤ Primeira Questão:

**Fale livremente sobre o interesse em trabalhar na área de tecnologia enquanto bibliotecário**

Sujeito	Expressões-chave	Ideias-Centrais
<b>E1</b>	<i>Quando eu estava ainda na faculdade, na verdade, né, estudando... Era a época que estava na verdade nascendo mais fortemente a Informática, né? Estava começando a Internet, começando os sistemas de controle de bibliotecas, e eu achei que era uma área interessante para trabalhar, daí eu comecei a me envolver com sistemas.</i>	Faculdade – questões de informática  Área interessante para se trabalhar
<b>E2</b>	<i>Eu sempre gostei muito de tecnologia, eu fui para fazer vestibular, aí eu queria jornalismo aí acabei que quando eu fui para morar em [local] descobri que não tinha jornalismo na Estadual, né? Na Universidade do Estado, só na Federal. Aí quando eu fui para fazer vestibular [no local] eu descobri a Biblioteconomia. Aí me arrisquei, fiz vestibular tanto para jornalismo na Federal, tanto para Biblioteconomia [no local], passei [no local] e fui olhar direitinho a grade, fui acompanhando e eu adorei quando vi que tinha tecnologia.</i>	Gosto desde sempre pela tecnologia  Faculdade – Tecnologia direcionou a escolha
<b>E3</b>	<i>Sempre foi uma área em que eu tive muito interesse. Eu</i>	Área de muito interesse

	<p><i>acabei... Pela minha experiência profissional, é... Trabalhando muito com sistemas, ajudando analista a desenvolver sistema. É... Então para eu trabalhar em uma área de tecnologia mesmo foi uma consequência do caminho que eu dei para minha carreira, tá? Eu tenho uma visão de tecnologia para nossa área, assim, como um meio não como um fim, tá, é um instrumento que a gente usa para fazer o nosso trabalho e de forma alguma a tecnologia vai é... Tirar o lugar do profissional. Eu acho que a gente utiliza muito pouco a tecnologia na nossa área e... A gente precisa muito porque o volume de dados que a gente usa é muito grande. Então a gente tem que usar mais esses recursos para que a gente consiga ter uma visão sistêmica é... Do tratamento da informação, do uso da informação para a gente conseguir toma decisões, é... Ajudar o usuário...</i></p>	<p>Experiência profissional com Sistemas</p> <p>A tecnologia - meio e não um fim- instrumento de trabalho para as funções da biblioteca.</p>
<b>E4</b>	<p><i>Na verdade eu já trabalho com área de tecnologia desde... Da época do segundo grau. Então eu comecei ah... A me envolver com... A Internet já nos primórdios da Internet comercial no Brasil, né? Eu peguei o comecinho dela eu fui pegando a evolução e... Na verdade muito como usuário no começo e depois, é...</i></p>	<p>Trabalho com tecnologia - desde a época do segundo grau</p> <p>Envolvimento com a Internet nos seus primórdios</p>

	<i>Comecei a mexer fiz é... O site do guia turístico da cidade de Florianópolis em 1996 participei da elaboração, é, aprender a questão do site, etc... Daí depois eu fui aprendendo outras coisas, questão de sistemas.</i>	
<b>E5</b>	<p><i>Cara, para mim a Biblioteconomia é tecnologia. Eu vejo a Biblioteconomia como se fosse é... A primeira área de T.I. antes da T.I. atual existir. Porque a biblioteca lida tecnologia. Você gerencia a biblioteca como se você estivesse gerenciando um computador teoricamente no modelo clássico, né? Porque você tem que tratar o acervo, definir as regras para organização para o acesso às pessoas entendeu? Então na minha visão a Biblioteconomia da forma de tecnologia, né? Uma ciência aplicada. Mas para mim, a minha visão é que tecnologia é só um meio, tá? É uma ferramenta, é um meio...</i></p> <p><i>Como eu trabalho fora de biblioteca, eu pensei o que que eu faço hoje fora da biblioteca que me permita dizer eu continuo sendo bibliotecário? É, porque tudo o que eu faço não é necessariamente o que a Universidade me ensinou a fazer, o que o curso de Biblioteconomia me ensinou a fazer e relacionado à técnica da Biblioteconomia, né? Os recursos que ela oferece. Então os meios que eu aprendi na faculdade eu não utilizo então eu tive que repensar quais os fins é para mim qual é o fim da Biblioteconomia?</i></p>	<p>A biblioteca lida com tecnologia</p> <p>Biblioteca - gerenciada como um computador no modelo clássico</p> <p>A tecnologia - um meio, uma ferramenta.</p>

	<p><i>Para mim o fim da biblioteconomia sempre é relacionado a suporte e a inteligência de alguma forma. Então eu me vejo trabalhando fora das bibliotecas com serviços relacionados a dar suporte a inteligência, entendeu? Seja em organizações, seja para educação. Então tenho utilizado a tecnologia nesse sentido.</i></p>	
--	--	--

➤ Segunda Questão:

**Qual sua percepção sobre as contribuições acerca da sua formação em Biblioteconomia para o seu ambiente de atuação**

Sujeito	Expressões-chave	Ideias-Centrais
<b>E1</b>	<p><i>Eu acho que são bem importantes na medida em que eu trabalho com sistema de biblioteca, É... Totalmente interligado com a minha atuação na medida em que... Né, se... Se eu não fosse bibliotecária, eu estria vendo o sistema de uma forma completamente diferente, o meu trabalho é justamente nessa questão de ligar a tecnologia a nossa prática no dia-a-dia da biblioteca.</i></p>	<p>Bem importantes</p> <p>Trabalho com sistemas de bibliotecas</p> <p>Visão da tecnologia pela ótica da Biblioteconomia</p>
<b>E2</b>	<p><i>Na... [local] a gente teve a disciplina de informática documentária, que teve... Uma das matérias que o professor deu é... Foi desenho de processos. Aí ele ensinou um pouco de BPMN que é o Business Process Management, E aí com esta notação, né, que é o BPMN tem toda uma</i></p>	<p>Oportunidade de trabalhar com tecnologia</p> <p>Interação com profissionais de tecnologia</p>

	<p><i>simbologia como fazer esse desenho eu fui aprendendo, e aí surgiu esta oportunidade de aqui no [local], para eu poder também trabalhar com isso, né, desenho de processos. Então houve esta contribuição e antes disso a gente teve algumas disciplinas de tecnologia que quando o pessoal esta comentando sobre determinado assunto, eu, assim... Não fico completamente leiga, hã, eu consigo captar o assunto daquilo que eles estão falando para fazer o meu desenho de processo e também.</i></p>	
<b>E3</b>	<p><i>Eu acho que a formação hoje no Brasil pelo menos em [no local] tá... Não conheço a realidade fora de [no local], é... Deixa um pouco a desejar na tecnologia. Tá. É mesmo a catalogação eu acho que ela é... Ela tinha que estar mais alinhada com a tecnologia por que você usa formatos, metadados, você tem migração, e são questões que não são tocadas na graduação. E a gente depende de migração de dados e o fato de você usar um formato não quer dizer que a tua migração vai ser lisa, né? Então acho que falta gente capacitada na nossa área para tratar de metadados, para falar de migração, é... Para falar de tecnologia, O que eu já vi até hoje poucos docentes com conhecimento e experiência na área de</i></p>	<p>Formação deixa um pouco a desejar na tecnologia</p> <p>Tinha que estar mais alinhada com a tecnologia</p>



	<i>automação com capacidade para este tipo de disciplina.</i>	Há poucos docentes com experiência na área de automação.
<b>E4</b>	<p><i>Tem dois aspectos, né? Um é... Na parte técnica, A parte de organizar informação, E tem na parte não técnica que contribuiu bastante foi que eu trabalhando na área de T.I., com pessoas formadas na área de computação, na área das engenharias, uma coisa que fica bem perceptiva, é a dificuldade dessas pessoas no geral, assim de maneira geral, né, de lidar com o público, com as pessoas "normais" digamos assim. Eles falam uma linguagem própria E as pessoas, seja da área de conhecimento específico seja de outras áreas, seja pessoas comuns não usam estes termos e tem muita dificuldade de comunicação então sempre percebi. E... E o fato de eu ter me engajado na formação técnica em computação, ou sistemas de informação, T.I., mesmo ou uma engenharia, eu acabei que... O que eu aprendi, eu já lidava com outro público, mas é... Me esforçou a lidar muito mais sempre que eu explicar seja para um colega do curso da Biblioteconomia, com professor, para outra pessoa é... Eu tinha que digamos que converter a linguagem o que eu fazia lá na área de T.I. para a linguagem comum, né? Então... Eu acabei aprendendo</i></p>	<p>Contribuição na parte técnica – Organizar a informação</p> <p>Lidar melhor com o público</p>

	<p><i>a lidar melhor com... Eu acredito que facilitou o que me deu mais experiência em lidar, é... Fazer esta transição entre os termos técnicos eu posso conversar com o pessoal da T.I. me entender relativamente bem com eles em alguns aspectos e conseguir passar isso tentar uma explicação mais simples para as pessoas que não são da área.</i></p>	
E5	<p><i>O que a Biblioteconomia me deu foi é uma espécie de sociedade. . Ela criou ela me permitiu mais fazer parte de uma comunidade de profissionais. Quando você se forma com os bibliotecários tem essa... A gente sempre mantém o contato é na área. Talvez porque a área como ela não sabe para que que serve nessa nova era digital as pessoas fazem uma comunhão buscando um sentido, né para profissão. Então elas comungam: é o que faremos qual o perfil do novo bibliotecário, qual o novo papel do bibliotecário, a identidade do bibliotecário. Por mais que eu não trabalhe em biblioteca por mais que eu não esteja vinculado ao que a academia me ensinou é... Ela me deixou esse legado para o que é da comunidade, entendeu? De eu conhecer as sociedades da Biblioteconomia. O que o curso me ensinou não tem haver necessariamente com a Biblioteconomia em si, mas justamente com essa é... Com esse espírito da academia, né? De você estudar, de você pesquisar, antes de fazer</i></p>	<p>Comunidade de profissionais</p> <p>Legado da comunidade, dos profissionais.</p>

	<p><i>qualquer coisa, né? E o que a Biblioteconomia me ensinou é essa cultura da pesquisa porque a Biblioteconomia... Existia muito esta cultura de você pesquisar as referências, buscar as fontes, para os usuários, mas tudo o que a Biblioteconomia para fazer para os usuários eu apliquei para a minha vida profissional, né?</i></p>	<p>Espírito da academia: estudo, pesquisa.</p> <p>Pesquisar as referências, buscar as fontes para os usuários.</p>
--	---	--

➤ Terceira Questão:

**Qual atividade desenvolve no seu ambiente de trabalho?**

<b>Sujeito</b>	<b>Expressões-chave</b>	<b>Ideias-Centrais</b>
<b>E1</b>	<p><i>Eu desenvolvo só essa parte de sistema, né? Então na verdade o que eu faço: eu faço adequação do sistema ao uso da biblioteca, tá, então, né, nós temos o sistema, eu represento esta empresa, né, que vende sistema de automação para bibliotecas e daí nós temos uma instituição que adquire o sistema e ela vai precisar de uma série de configurações, de adequações do sistema para uso adequado da biblioteca e eu trabalho com esta parte. Então, eu ensino a usar, eu dou treinamento, eu esclareço dúvidas, eu faço parametrizações, para ficar mais adequado ao trabalho que a biblioteca precisa fazer.</i></p>	<p>Desenvolve a parte de sistemas</p> <p>Representa a empresa</p> <p>Vende sistema de automação para bibliotecas</p> <p>Configura, adequa o sistema para a biblioteca</p> <p>Ensina a usar, dá treinamento, faz parametrizações.</p>

<b>E2</b>	<p><i>Atualmente eu estou com duas funções, uma que é analista de processo, como consultora de Sapping, né. Aí eu sou uma consultora júnior e aí como que funciona: o cliente liga né, abre um Sputing, onde coloca as suas informações, do problema que ele está tendo dentro do Sapping. Né, que é um Sistema de Gerenciamento de Gestão de Empresas. Então se o cliente abre um incidente quando ele tem algum problema. Através destes incidentes que a gente faz a gestão do trabalho, com reporte de solução, né, de correção, a gente vai corrigindo a mão. Aí a parte de desenhista de processos como que entra: quando alguns desses incidentes começa a ficar muito tempo lá na nossa mão, a gente tem que entender o porquê aí vira gestão de problemas. Né, a gente vai atrás da causa raiz disso, aí que entra também o desenho de processos, que aí a gente vai e desenha tudo aquilo que é feito para chegar naquele incidente. Ah, o que que o cliente faz, como ele preenche, como que chega na gente, o que a gente tem que fazer, porque está demorando tanto... Ou qual a solução, porque que a gente ainda não achou a solução.</i></p>	<p>Analista de processo e consultora de SAP</p> <p>Gestão do trabalho – Reporte de solução, corrige incidentes a mão.</p> <p>Vai atrás da causa raiz dos incidentes</p> <p>Desenha tudo que foi feito para chegar no incidente.</p>
<b>E3</b>	<p><i>É... Eu tenho uma atividade muito multifuncional na empresa porque eu faço desde</i></p>	<p>Tem uma atividade multifuncional na empresa</p>

	<p><i>o trabalho com o analista. É... Eu tenho uma atividade muito multifuncional na empresa porque eu faço desde o trabalho com o analista... Eu não sou analista, eu não programo, mas eu sei ler o código. Tá. É... Eu consigo entender a lógica da programação, funcionamento de sistemas. Então eu converso muito com os analistas, é... O que que o sistema tem que ter de acordo com o que eu vejo em congresso... É... Brasil e fora do Brasil, toda parte de metadados, tendências tecnológicas, eu ajudo a estabelecer a linha de... Evolução do software É... Eu também ajudo... O suporte da empresa a... A traduzir um pouco o que o bibliotecário está falando para o analista de suporte, né? Eu também faço muito apresentação de sistema porque eu vou até o... Prospectivo eu vejo o que ele precisa e como a minha ferramenta pode ajudar, tá. Éh... Basicamente isso, e toda a parte de documentação do sistema sou eu que faço também, tá? Então eu tenho uma série de atividades, eu dou, faço consultoria, eu dou curso, eu dou palestra, é... Eu atuo em muitas frentes na empresa, tá?</i></p>	<p>Trabalha com analista</p> <p>Lê o código, entende a lógica da programação, funcionamento de sistemas. Conversa com analistas, o que o sistema tem que ter, parte de metadados, tendências tecnológicas, estabelece a linha de evolução do software. Faz apresentação de sistema, a parte de documentação do sistema, dá consultoria, curso, palestra, atua em muitas frentes da empresa.</p> <p>Ajuda o suporte da empresa na tradução do que o bibliotecário fala para o analista de suporte.</p>
<b>E4</b>	<p><i>Mas o meu trabalho é uma série de atividades, né? Como é uma empresa muito pequena,</i></p>	<p>É uma série de atividades</p>

	<p><i>ali não tem nenhum cargo é... Bem definido... Gerente de vendas, gerente financeiro, alguma coisa assim, pois a gente trabalha, a gente acaba definindo tudo muito em conjunto e... A gente até separa algumas tarefas, também divisões? Eu mexo muito mais com atendimento do que com a parte técnica. Então eu faço muito mais a... O suporte, vendas, né, o pós-venda, né? Então eu cuido hoje muito mais da parte de vendas da parte de periódicos em nuvens, que é... Para revistas científicas, análise de eventos... Relacionados é... Um pouco na área de eventos também a parte do sistema dos eventos do controle das inscrições, soluções, avaliações, é... Assim no dia-a-dia isso é a minha principal tarefa digamos assim em termos de horas. E, além disso, eu participei desde a elaboração periódicos em nuvens, Junto com meu sócio, a gente está tendo muitas colaborações técnicas, de como a gente podia melhorar e surgiu o periódico em nuvens. A elaboração desse produto periódicos em nuvens pode ver lá eu sou proprietário no site é inovador, né? Não tem nenhuma empresa que oferecia nada parecido. Toda aquela elaboração desde a parte técnica, como que iria funcionar cada detalhe de</i></p>	<p>Trabalha, define tudo em conjunto.</p> <p>Atendimento, suporte, vendas, pós-vendas</p> <p>Elaboração de periódicos em nuvens: parte técnica, funcionamento, onde iria ficar o servidor, o que era importante para o público.</p>
--	--	---

	<i>software mesmo, de sistema, é... Onde que iria ficar o servidor, etc., até a parte do que que era importante para o público.</i>	
<b>E5</b>	<i>Eu faço de tudo um pouco. Porque eu como eu tenho uma empresa então eu faço... Como é uma empresa pequena, e eu sou... O sócio administrador, eu faço desde a parte de contabilidade, emitir nota fiscal, é... Até atender cliente, até planejar serviço, até colocar site no ar, até planejar... Gerente de projeto, até planejar projeto, é... Fazer curso para treinar as pessoas, entendeu?</i>	<p>Faz de tudo um pouco.</p> <p>É sócio administrador: faz contabilidade, emite nota fiscal, atende cliente, planeja serviços, coloca site no ar.</p> <p>Gerente de projeto – Planeja projeto, faz curso para treinar pessoas.</p>

➤ Quarta Questão:

**Fale livremente sobre suas vivências ao longo da vida com as TIC's**

<b>Sujeito</b>	<b>Expressões-chave</b>	<b>Ideias-Centrais</b>
<b>E1</b>	<i>Eu vi ao longo do tempo muita resistência do bibliotecário em... Não é bem uma resistência, uma dificuldade em geral, eu vejo muita dificuldade do bibliotecário em se comunicar adequadamente com o pessoal de informática, tá, eu percebo há... É muito comum o bibliotecário não entender o pessoal de informática, e o pessoal de informática não entender o bibliotecário. Ao longo do meu trabalho eu percebi isso muitas vezes a ponto de às vezes a biblioteca, por exemplo, me chamar para uma reunião com o pessoal da informática para ajudar justamente neste meio de</i>	Falta de entendimento entre o pessoal da informática e o bibliotecário

	<i>campo da biblioteca conseguir explicar para o pessoal da informática o que precisava e o pessoal da informática conseguir responder para biblioteca sobre o que a biblioteca estava precisando.</i>	
<b>E2</b>	<i>No meu trabalho... Assim, a gente utiliza o... O Sapping, né, que é este sistema de gestão... É de empresas... É um sistema assim... Ele é gigantesco, ele é absurdo de gigante. Aí a gente lida muito com isso, a gente tem um outro sistema que é o mentor que é este Sistema de Gestão de Incidentes... E... A gente tem uma outra ferramenta que é dentro do Sapping também que é o Solucion Manager que a gente utiliza para quando precisa entrar em contato com outra equipe para enviar mensagem para esta equipe executar o seu trabalho. Essa é assim, a minha vivência maior... Né, dentro do... Do ambiente de trabalho.</i>	Vivência com sistemas no ambiente de trabalho
<b>E3</b>	<i>Olha, é... Eu sou de uma época... Hã... Me formei há bastante tempo. Quando eu me formei não existia o Windows, não existia Internet para o público. É lógico que eu não trabalhei só com sistema, é... Eu já fui também bibliotecária é... Tradicional, hã... Mais a minha vertente sempre foi muito tecnológica,</i>	Vertente muito tecnológica



	<i>desenvolvendo sistema, metendo a fazer sistema com analista desde 1995, tá. Isso quando aqui no Brasil a gente falava de sistema era o Winisis, tá? É... acompanho muito o que acontece fora, muito assim, eu sou filiada a ALA, participo dos congressos, tenho a literatura, faço curso.</i>	
<b>E4</b>	<i>Eu comecei já adolescente, Meu pai é professor aposentado da UFSC na área de computação, né? Então eu acabei tendo computador em casa desde criança. E em seguida na metade da década de 90 eu passei a ter Internet em casa em uma época que não existia Internet disponível no Brasil praticamente só existia na Universidade, em grandes instituições e raríssimos casos as pessoas tinham em casa. Eu participei diretamente, né eu fui ? de um projeto que botou rede na praça pública de [no local], enfim, então minha vivência foi muito é como filho de um professor que estava envolvido em vários projetos de levar a Internet uma novidade total mesmo no mundo é... Levar esta Internet para as pessoas é... Comuns para pessoas que não seriam as primeiras a serem vistas? Porque na época estava tendo usado muito para pesquisa só as Universidades estavam tendo? E... Quem estava começando a ter mais é quem tinha um alto poder aquisitivo,</i>	<p>Contato com a tecnologia - infância e adolescência</p> <p>Participou do projeto de rede na praça pública</p> <p>Vivencia como filho de um professor aposentado na área da computação</p>



	<p><i>Aprendendo várias coisas mais técnicas mesmo que depois foram me ajudando é...</i></p> <p><i>Durante o curso de Biblioteconomia eu fiquei participando de vários projetos de desenvolvimento de sistemas até que eu me formei e daí eu tinha já interesse em abrir a empresa que eu tenho hoje é...</i></p> <p><i>E só que eu não tinha as pessoas ainda prontas para isso e eu fui esperando a oportunidade a melhor oportunidade nisso eu fui trabalhar meio período como administrador de rede, então eu mexi com a parte mais de rede mesmo, né, colocar as pessoas no ar, trabalhar com servidor web, pagemaker, para empresas aqui de [no local], trabalhei em duas empresas, até que eu consegui todos estarem prontos para a gente montar nossa própria empresa.</i></p>	<p>Trabalho como administrador de rede</p>
<b>E5</b>	<p><i>Ela é de longa data. De ter um computador, e eu sempre quis ter um computador, e aí... É...</i></p> <p><i>E aí acabou rolando na adolescência no final da adolescência eu consegui ter um computador em casa e aí eu comecei a trabalhar no meu primeiro emprego eu coloquei Internet em casa. Em 1996, 1995 para 1996. Então aí com a Internet, lista de discussão que eu comecei a me interessar essa parte do digital até quando eu entrei no curso de Biblioteconomia eu já entrei já com uma visão Já tinha trabalhado em empresa, já tinha feito site na net, já tinha trabalhado com uso da</i></p>	<p>Vivência com tecnologia de longa data</p> <p>Sempre quis um computador</p> <p>Colocou Internet em casa</p> <p>Internet, lista de discussão - interesse pela parte digital.</p> <p>Trabalho com a tecnologia da informação dentro de um contexto de grande empresa.</p>

	<i>tecnologia da informação dentro de um contexto de grande empresa.</i>	
--	--	--

➤ Quinta Questão

**Fale mais alguma coisa se desejar.**

<b>Sujeito</b>	<b>Expressões-chave</b>	<b>Ideias-Centrais</b>
<b>E1</b>	<i>Não, a princípio não... Eu não sei, eu achei a tuas questões muito livres.</i>	Não tem
<b>E2</b>	<i>... Assim... É... Se tem alguma outra dúvida, se ficou claro o que eu falei, por que as vezes acabei me empolgando, acabei me desviando um pouco...</i>	Não tem
<b>E3</b>	<i>Não, eu estou. Estou tranquila, tá. Não sei se você conhece o Sophia, né... É um sistema muito forte, hoje, a gente, é uma solução robusta, a gente não deixa nada a desejar para soluções de fora do Brasil, É... E a gente tá aberto, né? Quem quer conhecer, a gente costuma fazer é... Apresentações em vários estados, em várias cidades, Sempre tentando ajudar o nosso cliente para que ele tenha uma ferramenta que facilite o seu trabalho que ele preste um bom serviço de informação, né? Eu deixo um convite se tiver interesse para fazer uma apresentação, se quiser conhecer ou visitar nossos clientes aí ou então entrar</i>	<p>Sophia - Sistema muito forte, solução robusta, não deixa nada a desejar para soluções fora do Brasil.</p> <p>Costuma fazer apresentações do Sophia em várias cidades</p> <p>Ajudar o cliente para que ele tenha uma ferramenta que facilite o seu trabalho que ele preste um bom serviço de informação</p>

	<p><i>em contato, para a gente ver se tem alguma visita ou programar uma visita, tá? Ou até mesmo uma apresentação remota, também às vezes é possível ser feito, tá? É... E acompanha o trabalho que a gente está fazendo né? No nosso site, tem as novidades, quem são clientes nossos, para que linha a gente está seguindo.</i></p>	
<b>E4</b>	<p><i>Eu acho assim que... Que o principal, que em termos de... Pensando nas pessoas que vão fazer o seu trabalho eu penso mais na questão assim de tudo o que a gente aprende é... Vão abrindo novos caminhos, né? Então... Eu poderia estar trabalhando na área de sistemas como T.I. mesmo só que o meu interesse era mais social então eu acabei escolhendo vários outros caminhos que me aproximaram da Biblioteconomia e a trabalhar com as coisas que eu trabalho: software livre... Então a mensagem que eu queria deixar é tudo que a gente possa aprender é... Por exemplo, as pessoas que fazem estágio... Né, os tipos de estágio que fazem cada experiência que ela tiver esteja no estágio seja na literatura é... vai abrir caminhos novos para ela e ela vai ter mais opção de encontrar algo do que ela</i></p>	<p>Formação em Biblioteconomia – abertura de novos caminhos</p> <p>Formação em Biblioteconomia – direcionou o trabalho com Software livre</p> <p>Estágios – abertura de novos caminhos</p> <p>Estágios - opção de encontrar algo do que ser realmente gosta.</p> <p>Estágio - experiência, um diferencial.</p>

	<p><i>realmente gosta. E eu também ia falar da... E aí para qualquer curso, né? Que sempre que a pessoa que quiser tirar só dez é... For bem no curso ela vai ser um bom bibliotecário formado ali em termos de acadêmico, né? Mas as pessoas que aprendem coisas fora, estágios além do obrigatório tiver uma experiência... Tudo aquilo ali ela tem de diferencial ela já esta... São passos à frente. Na hora em que fizer uma entrevista quando ela esta na empresa, a empresa nunca vai... Eu não conheço nenhuma empresa que peça nota, currículo, a nota que alguém tirou em qualquer matéria, agora experiência profissional ou a pessoa que disse, fala, oh, trabalhei com aquela pessoa, trabalhou na biblioteca que instalaram, ou no projeto tal... E essa pessoa é confiável, é boa, trabalha... Tem vontade, é... Isso faz muito mais diferença do que a pessoa que passou raspando, rodou cinco anos não na hora de conseguir emprego ela tem um pouco de experiência.</i></p>	<p>Notas tiradas na academia - não garantem a profissão</p> <p>Empresa - não pede nota, e sim um currículo acadêmico e experiência profissional.</p>
<b>E5</b>	<p><i>Não, só isso. Assim, está claro para você?</i></p>	

## ANEXO A

